



*Coleção
Damas do
Romance*

Escolha de **MESTRE**

Série Irmãos Gallagher, 3



Diane Bergher



PERIGOSAS NACIONAIS



Escolha de **MESTRE**

Série Irmãos Gallagher, 3



Diane Bergher

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Diane Bergher

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Revisão e preparação de texto: Julia Lollo

Capa e diagramação: Layce Design

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital | Criado no Brasil

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Burke Gallagher é um irlandês que partiu rumo aos Estados Unidos com apenas dez dólares no bolso e se tornou o dono da maior cervejaria do país, a Cervejaria Gallagher, ficando conhecido no mundo todo pelo excelente produto e por sua perspicácia nos negócios.

Preocupado com o futuro de seus três filhos, decide dar um basta nas suas vidas boas e lhes dá uma ordem: cada um teria que partir para o Oeste com apenas dez dólares no bolso e quem conseguisse ser mais bem-sucedido, no prazo de um ano, ficaria com a fábrica de cerveja. Os irmãos então partem dispostos a vencer o desafio e viverem suas próprias aventuras.

Luke Gallagher, o caçula, não poderia ter odiado mais o pai quando lhe propôs um desafio inusitado e só não se negou a participar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

empreitada tão arriscada porque não poderia ficar para trás em relação aos irmãos. Por uma questão de honra, embarcou para o velho oeste com pouco dinheiro no bolso e o desejo de uma vez na vida sair na frente dos irmãos, provando para todos que era capaz de se virar sozinho. As coisas não saem como esperado quando Celine Thompson, uma linda professora de cabelos vermelhos, olhos verdes e nariz arrebitado, se intromete em seu caminho com a sutileza de um trem desgovernado, fazendo-o rever as próprias escolhas e prioridades.

PERIGOSAS ACHERON

Aos jovens aventureiros
que não se amedrontaram
ao desbravar novos
territórios mundo afora.

APRESENTAÇÃO

O Selo “Damas do Romance” é um projeto único e audacioso que reúne três das mais talentosas autoras do romance de época brasileiro para contar histórias de amor que se entrelaçam, onde cada uma delas irá trazer o brilhantismo de sua narrativa.

Os *Irmãos Gallagher* abre o projeto e nos apresenta a história de três irmãos desafiados pelo pai a deixarem o conforto e a vida luxuosa que levavam em Nova Iorque para se aventurarem nas terras distantes do velho oeste com apenas dez dólares no bolso. Ao irmão que fosse mais bem-sucedido seria reservado o direito de administrar a próspera cervejaria do pai.

Assim cada irmão traz uma história diferente e cada história é contada por uma autora:

PERIGOSAS NACIONAIS

Flávia Padula e sua narrativa impecável e intensa narra a trajetória de Brennan, o mais velho dos irmãos, cujo temperamento responsável e a firmeza de seu caráter o fazem aceitar o desafio do pai a fim de não desapontá-lo. E tudo poderia ter dado certo se o amor não tivesse tocado seu coração.

Silvana Barbosa, por sua vez, com um enredo muito romântico e preciso, nos apresenta o irreverente Noah, o irmão do meio, cuja sorte no jogo o faz desbravar uma vida rústica que sempre lhe atraiu, mas não estava preparado para encontrar o amor.

Por fim, Diane Bergher e seu texto delicado e sensual, conta a história de Luke, o mimado caçula dos Gallagher, que parte para o oeste a contragosto, apenas porque não deseja ficar para trás, mas acaba aprendendo que o amor simplesmente tem um momento para acontecer.

Romances que prometem divertir, emocionar e encantar as mais românticas leitoras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Sentado em seu humilde gabinete de trabalho, Luke olhava para a parede onde a chama do lampião projetava sombras, divagando sobre a reviravolta que sua vida havia dado. De um filho mimado de um rico cervejeiro, nascido e criado em berço de ouro, havia se tornado o dono de uma mina falida num fim de mundo que alguns ousavam chamar de lar.

Golden Valley não era o seu destino se pudesse ter escolhido e o tédio daquele lugar o deixava melancólico a maior parte do tempo. Apreciador das curvas femininas, sentia falta do calor de uma mulher em um lugar que padecia pela falta delas. Mas foi o que conseguiu com o dinheiro que o pai havia lhe dado antes de deixar o conforto do lar ao aceitar uma aposta simplesmente porque os irmãos assim o fizeram.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caçula de uma prole de três filhos, Luke cresceu à sombra do sucesso do pai e dos irmãos mais velhos. Brennan e Noah lhe entendiam e ele os respeitava, mas também se sentia sufocado pelas pressões que sofria do pai ao compará-lo com os outros filhos. Ao final, todos eles desfrutavam de uma vida de luxos e distrações mundanas e nenhum deles era um santo. Jogos, diversões e mulheres sempre lhes entretiveram mais do que aprender o ofício do pai.

Talvez ali estivesse a razão para que ele os enviasse para o selvagem oeste com apenas dez dólares em seus bolsos. O irlandês Burke Gallagher havia prosperado em terras americanas e feito os dez dólares que trouxera consigo multiplicar a ponto de se tornar um dos mais ricos e respeitados empresários no novo mundo, o que o levou a exigir o mesmo dos filhos, enfiando-os literalmente dentro de um trem rumo ao Texas para que pudessem provar quem estava mais preparado para herdar a cervejaria que o pai havia erguido com muito suor.

Não importava para Luke assumir os negócios

PERIGOSAS ACHERON

e quase se negou a embarcar em empreendimento tão arriscado se não fosse o fato de que seus irmãos haviam aceitado sem demonstrar medo ou hesitação. Não era tão covarde a ponto de suplicar pela misericórdia do pai e era tão homem feito quanto seus irmãos para se aventurar longe de Nova Iorque.

Fez parte da viagem na companhia dos irmãos e quando chegaram ao Texas se separaram sem olhar para trás. Não soube ao certo quais teriam sido os planos deles e concentrou-se em arranjar uma maneira de fazer o dinheiro multiplicar.

Preferiu ficar em Austin e foi ali, depois de dormir em hospedarias sujas, que se envolveu em uma luta clandestina de boxe, confiando à sorte seu futuro. Conseguiria mais dinheiro ou enterraria definitivamente suas chances de mostrar ao pai que era tão capaz quanto os irmãos.

Felizmente Luke era um homem de porte avantajado e os anos de prática no boxe o deixaram em vantagem para nocautear em poucos segundos seu oponente, conseguindo ganhar a propriedade de uma mina no Colorado que apenas descobrira estar

PERIGOSAS ACHERON

falida quando tomou posse.

E ali estava ele, vivendo em meio a homens de crenças simples, que acreditavam que Golden Valley ainda prosperaria a ponto de recuperar seu esplendor da época da corrida do ouro, tão ou mais importante quanto outros condados que estavam se formando na região.

Infelizmente enterrado em dívidas e ainda sem poder se deitar com uma mulher há mais tempo do que acreditou conseguir suportar.

Uma viúva, a que todos recorriam para se saciar, havia lhe demonstrado disposição em recebê-lo em sua cama, mas não queria se envolver com a dona do único saloon num raio de duzentas milhas, que também era a protegida do mais temido fora da lei da região.

— Ainda aqui, patrão? — Harry, um dos seus funcionários, bateu na porta e acabou o despertando das divagações em que estava preso a mais de quinze minutos.

— Todo mundo está indo para o Billy Bob's. A Senhora Miranda vai dar uma festa de boas-vindas

PERIGOSAS NACIONAIS

à nova professora de Golden Valley, patrão. — Comentou abrindo seu sorriso desdentado. Harry era um homem que já devia ter se aposentado, mas ainda precisava alimentar um par de bocas e por isso implorou por um posto na mina mesmo que não pudesse pagá-lo dignamente.

— Finalmente conseguiram uma substituta. — Nenhuma professora vinda do leste conseguia aguentar o rigor e a simplicidade da região e desistiam no primeiro mês de trabalho. Já haviam passado três apenas no período em que estivera ali.

— Eu a vi hoje mais cedo quando desembarcou da diligência.

— E é bonita, Harry? — Perguntou para ter o que falar, pois a escassez de mulher os fazia enxergar beleza até nas mais feias.

— É uma belezura, patrão! Tem os cabelos cor de fogo, que chegam lembrar labaredas. — Uma ruiva, torceu o nariz por não ser o seu tipo preferido de mulher. — Passei aqui para convidá-lo a se juntar a nós. Um pouco de bebida e música lhe farão bem depois de um longo dia de trabalho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Harry estava certo ao arrastá-lo para o saloon. Precisava esquecer os problemas, entregando-se ao torpor com uma dose de cerveja, que não chegava ser tão saborosa quanto as produzidas na fábrica da família. Quem sabe ganhar umas partidas no carteadado para aliviar um pouco do dia terrível que havia tido.

De nada adiantou ter se debruçado em cima das contas quando mal teve dinheiro para pagar os funcionários. Precisava de um milagre ou teria que vender a mina e as terras adjacentes por menos do que valiam para poder se livrar das dívidas que ganhou de bônus.

PERIGOSAS ACHERON



Chegaram ao Billy Bob's depois de uma caminhada revigorante. Luke havia perdido parte da vaidade e já não se preocupava tanto com a aparência quando não tinha motivos para exibi-la, nem mulheres para seduzir, pensou saudosista. Por isso não se preocupou em trocar de roupa depois de um longo dia de trabalho.

Cumprimentou alguns rostos conhecidos e gentilmente agradeceu o convite à Miranda, que abriu um sorriso insinuante, prometendo mais do que ele estava disposto a aceitar. Em outros tempos e outro lugar, para ser mais exato, não teria negado aquele avanço e já a teria levado para cama, mas Luke tinha muito amor por sua vida, por mais encrencado que estivesse. Ali naquele pedaço perdido do mundo, as leis não eram seguidas ao pé da letra e a força de um disparo de pistola

funcionava como o martelo de um juiz.

— Venha que quero apresentá-lo à nova professora! — Pegou Luke pela mão e o arrastou até o outro lado do salão, onde uma mulher esguia conversava animadamente com os moradores locais que pareciam encantados com sua fala mansa. — Ela vem de Nova Iorque como você. É uma moça fina e elegante, nada parecida com as outras. — Abriu passagem entre a multidão que a cercava, fazendo com que todos se voltassem a eles. — Senhorita Celine, quero lhe apresentar um conterrâneo seu.

Quando ela se virou e os olhos dela encontraram os dele, algo lhe soou familiar. Luke não saberia dizer se foram os olhos incrivelmente verdes ou os lábios rosados que lhe despertaram lembranças, tendo que admitir que era muito bonita. O vermelho dos cabelos realmente lembrava as labaredas de uma fogueira e entrava em um impressionante contraste com o verde dos olhos, emoldurados por cílios longos e pequenas sardas que a faziam um ser praticamente etéreo, uma das fadas das histórias que sua falecida mãe costumava

contar antes de ele e os irmãos irem para cama.

— Luke Gallagher ao seu dispor, senhorita! — Estendeu a mão para cumprimentá-la de acordo com a etiqueta nova-iorquina e, quando encostou os lábios no dorso de sua mão macia, sentiu-a se retesar como se tivesse lhe provocado um choque, talvez um susto. — Temo que a conheça, mas não consigo lembrar de onde.

— O prazer é meu, Senhor Gallagher! — Ela se recompôs imediatamente em uma postura altiva e elegante. — Já ouvi falar de sua família em Nova Iorque, mas creio que nunca fomos apresentados formalmente.

— Pergunto-me como pude não notá-la? — Insistiu para que falasse mais sobre ela, forçando a mente para reconhecê-la.

— Possivelmente tenhamos nos visto rapidamente, não tempo suficiente para me notar. É o caçula, não é? — Confirmou com uma sacudida de cabeça, incapaz de deixar de admirá-la. — Então foi isso! Sou mais velha do que o senhor, um motivo plausível para não termos nos conhecido

melhor.

Mas se assim o fosse, seus irmãos teriam a mencionado ou não?! Brennan e Noah, por serem alguns anos mais velhos e experientes, só passaram a lhe falar sobre mulheres quando o julgaram com idade suficiente para isso.

— Estamos no oeste, senhorita, e pode me chamar por meu primeiro nome. — Tentou deixá-la mais confortável, oferecendo a ela um copo de licor. — Se quer ser aceita pela comunidade local, é melhor passar a agir como um deles. — Aproximou-se para cochichar.

— Bem, acho que posso fazer uma concessão desde que o senhor me chame apenas por Celine. — Voltou a corar como uma donzela, mas ela alegava ser mais madura, e isso lhe deixou curioso. Talvez houvesse um noivo lhe esperando em Nova Iorque, muito moderno ao aceitar que ela viesse lecionar do outro lado do país.

— O senhor me dê licença, mas me comprometi com a Senhora Miranda que tocaria piano para animar a noite. — Celine buscou socorro

à mulher que havia lhe recebido na comunidade, sentindo-se invadida pelo olhar avaliativo de Luke, o irmão daquele por quem havia sido apaixonada e que sequer a havia notado.

Brennan Gallagher havia se encantado por sua prima e não tardou para pedi-la em casamento. Acabaram rompendo por motivos que ainda não compreendia bem. Porém, Celine entendia o encantamento dele pela prima. Bethany não tinha cabelos escandalosos como ela, nem sardas irritantes que cobriam a maior parte do seu rosto. Seus cabelos escuros e sua pele cremosa a tornavam muito disputada no mercado matrimonial.

Depois de algumas temporadas fracassadas, havia se conformado com a solteirice e convencido seus pais a deixarem partir para o oeste, onde poderia viver como professora, fazendo o que mais lhe dava prazer no mundo, sem se preocupar em aparentar ser uma pessoa que não era.

Porém, não contava com o azar, que há tempo a perseguia, de ter que cruzar o caminho de mais um Gallagher, confirmando os boatos de que o pai havia expulsado os três filhos, enviando-os para o PERIGOSAS ACHERON

oeste.

Felizmente, se tratava do mais novo deles e que apesar de dizerem ser tão atrevido e libertino quanto os outros, era mais jovem do que ela e não a perturbaria por julgá-la muito madura para um relacionamento. Se nem Brennan a notou, dificilmente o caçula a notaria.

E isso a deixou mais relaxada para tocar uma de suas músicas preferidas ao piano, não uma clássica que tanto sua mãe havia insistido que aprendesse, mas uma mais animada que colocaria todos para dançar, sentindo-se feliz por poder ser e fazer o que bem entendesse.

Não seria Luke Gallagher a intimidá-la. Bastava ela evitá-lo.



Luke se levantou da cama e espreguiçou-se com gosto, sorrindo por ter aliviado um pouco a tensão do dia anterior conversando e bebendo com gente simples, mas que havia se tornado sua família naqueles últimos meses. Sem muito dinheiro e para economizar, passou a viver no escritório que um dia assistiu negociações importantes. Era um lugar simples e arejado, sem o luxo que ostentava a antiga mansão em que havia crescido, mas confortável para um homem sem posses como ele.

Ainda havia manhãs que ao despertar naquele colchão duro se questionava se tudo não passava de um pesadelo, custando a acreditar que foi capaz de renunciar à sua vida em Nova Iorque para se embrenhar no meio do nada, de modo a tentar algo que nem ele conseguia estar certo ser capaz. Certamente, quando retornasse não seria o mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

Luke irresponsável de antigamente e a vida teria outro significado, especialmente, porque poucos meses em Golden Valley lhe trouxeram a experiência de anos de vida.

Não se podia chamar o lugar de cidade, talvez sequer de vila, com sua típica concentração de casas simples de madeira e varandas espaçosas, dividida por uma rua de chão batido, que levantava pó nos dias mais secos, tornando-se uma lama pegajosa durante as tempestades.

Havia também uma igreja luterana, onde o reverendo pregava para os habitantes aos domingos e uma escola com tantas goteiras que obrigavam a professora cancelar as aulas nas épocas de chuvas. E como nenhuma delas aguentava a vida dura e difícil ali naquele pedaço de mundo esquecido por Deus, as crianças estavam muito atrasadas em seus estudos.

Luke olhou para seu relógio de bolso e se aproximou do balcão onde havia deixado na noite anterior uma bacia de água. Lavou o rosto e os cabelos e vestiu-se sem perda de tempo, pois queria chegar a tempo de tomar café no Billy Bob's.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diferentemente dos saloons que frequentou ao longo de sua viagem, ali não havia moças dispostas a vender seus corpos. Miranda fazia questão de manter o estabelecimento fundado por seu falecido marido como um lugar de respeito, onde toda a família pudesse frequentar sem se sentir constrangida. No andar de cima, ela mantinha alguns quartos que costumava alugar para forasteiros e eventualmente receber seus amantes com discrição e sem levantar suspeitas nas outras mulheres.

O fim do mundo tinha nome, pensou quando sentiu a brisa da manhã no rosto: Golden Valley.

Encilhou o cavalo que havia comprado com algumas economias que trouxera consigo e troteou até o vilarejo, cumprimentando homens, mulheres e crianças que encontrava. Luke era um jovem bem-humorado e seu jeito despojado cativava a todos. Não demorou muito para que o considerassem parte da família e não mais um forasteiro. Aliás, o que mais lhe impressionou naquele lugar foi a disposição que tinham para estender a mão para todos que chegassem.

PERIGOSAS ACHERON

— Bom dia, Luke! — Richard, um garoto de sorriso gentil o cumprimentou feliz, segurando seu caderno com grande euforia. — Teremos aula com a nova professora. É tão linda e elegante.

— Pude comprovar com meus olhos, garoto! É muito bela sua nova professora. — Bateu na sua boina e amarrou o cavalo embaixo de uma árvore.

— A mãe ouviu uma conversa de que ela fala mais de cinco línguas. — E as qualidades da nova-iorquina não paravam de ser exaltadas pelo garoto que ao julgar pelo brilho dos seus olhos estava vivendo sua primeira paixão. Luke havia vivido algo do tipo com essa idade com sua babá, uma alemã de cabelos loiros e olhos azuis que o encantou com sua fala mansa. — Eu e as outras crianças queremos chegar antes para dar um jeito na sujeira. As meninas levarão flores para enfeitar sua mesa. Será que ela gostará da gente, Luke?

O Gallagher se abaixou de modo a ficar na altura dos olhos do garoto.

— Claro que ela vai gostar de vocês. São as melhores crianças do mundo. Só não podem ser tão

arteiros. – Soltou uma gargalhada quando o menino torceu o nariz.

A vida em Golden Valley se mantinha num ritmo estável, sem fortes emoções, não se tinha muito o que fazer a não ser orar por dias melhores. Luke sentia-se responsável por aquele lugar e tentava encontrar um jeito de melhorar a vida de seus amigos. Sim, todos ali o receberam de braços abertos e ele se sentia em dívida quando muitos acreditaram que havia chegado para fazer com que a mina voltasse a prosperar.

Infelizmente, nem sempre a boa vontade podia mudar a realidade das coisas e a mina estava longe de voltar a dar lucro, empregar mão de obra e atrair mais gente para a região.

— Bom dia, Luke! – Miranda o recebeu sorridente. — Já levo sua bandeja com ovos mexidos e café bem forte. Porém, terá que encontrar outra mesa. — Apontou para seu lugar preferido no salão, onde avistou uma massa de caracóis vermelhos.

— Não tem importância! – Deu de ombros e

decidiu se juntar à nova professora.

Celine mexia com a colher em seu leite quente com mel, considerando a ideia de retornar para os aposentos e trocar de roupa. Havia escolhido um vestido simples, mas que continuava a ser muito chamativo para os padrões de sua nova vida. Acabou se assustando com a chegada súbita de Luke que a olhava como se fosse capaz de devorá-la.

— O senhor me assustou! — Levou a mão ao coração.

— Perdão, Celine! Não tive a intenção de assustá-la. Mas como estava em minha mesa preferida, julguei que poderia te fazer companhia. — Sentou-se sem pedir permissão e ela se sentiu ainda mais incomodada.

— Não sabia que esta era sua mesa preferida! — Respondeu, julgando-o um mimado na exata medida do que falavam em Nova Iorque. — Posso me retirar, sem problemas!

— Não me sentei aqui para forçá-la que saísse. Ao contrário, julguei uma oportunidade para

conhecê-la melhor, já que somos dois forasteiros em Golden Valley.

— Não sou uma forasteira e sim a professora contratada para dar aulas às crianças deste lugar. — Ela retrucou, sentindo-se intimidada por seu insistente escrutínio. — Já quanto ao senhor, parece que chegou aqui por motivos pouco honrosos se o que falavam do senhor e de seus irmãos em Nova Iorque for verdade.

— Que nosso pai nos enxotou de casa com apenas dez dólares no bolso? Sim, é verdade! — Levou as mãos ao cabelo e ela não pôde deixar de perceber o quanto lembrava seus irmãos. Havia um traço em comum entre eles: a tonalidade dos olhos, que diziam ser herança irlandesa.

— Algumas vezes, um homem precisa ir atrás de seu destino para dar valor ao que tem. Acredito que seu pai não os enviou para longe por outro motivo a não ser obrigá-los a tomar juízo.

— Muito curioso, Celine! Conhece a mim e a meus irmãos muito bem, ao passo que não consigo me recordar de ti. — Coçou a cabeça confuso com as

lembranças que ela lhe despertou.

— Os senhores são muito conhecidos em Nova Iorque pela vida de libertinagem que levavam. — Evita encará-lo nos olhos. — Minha prima Bethany foi noiva de seu irmão mais velho e temo que ele a tenha comprometido antes de deixar Nova Iorque a mando do pai.

— Não foi exatamente assim que as coisas aconteceram. — Aquele assunto começou a irritá-lo. Luke e seus irmãos eram merecedores da fama de mulherengos que adquiriram ao longo dos anos, mas jamais haviam comprometido uma donzela. — Foi Bethany que rechaçou meu irmão. Não sei o que ela contou, mas coloco a mão no fogo por Brennan. — Celine odiava quando tocavam no nome do mais velho dos Gallagher e começou a tremer tanto que quase derrubou a xícara com leite quente em cima do colo. — Ainda não consigo lembrar da senhorita.

— Nos últimos tempos, estava mais envolvida com o término dos meus estudos e já me preparando para assumir um posto no oeste, o que me afastou da vida social. — Respondeu

PERIGOSAS ACHERON

rispidamente, dando por encerrado o assunto. — Peço licença, pois preciso ir lecionar. É meu primeiro dia e não quero me atrasar.

— Não consigo compreender como não consigo lembrar de dama tão bonita. — Soltou, fazendo-a sentir vergonha por elogio tão espontâneo. E num segundo momento, julgou que ele estivesse apenas brincando com ela. — Deixe-me acompanhá-la até a escola. — Adiantou-se e foi para perto dela de modo a puxar sua cadeira. — A propósito, é ainda mais bonita em plena luz do dia.

— Oh, por favor! — Encarou-o com fogo no olhar, sentindo-se ultrajada com a falsa bajulação. Já haviam lhe chamado de muitas coisas, que era muito inteligente, perspicaz, culta, mas jamais de bonita e aquele Gallagher estava lhe irritando ao usar um adjetivo que não combinava com ela em absoluto. — Não estamos em Nova Iorque para que finja ou tente me convencer de coisa que não sou.

— Do que fala? — Perguntou surpreso com sua reação, mas adorando o efeito que havia provocado nela. Suas bochechas estavam rosadas, o peito subia e descia revelando seios fartos e um corpo

PERIGOSAS ACHERON

delicioso.

— De minha beleza! Não sou bonita, senh... Luke. Sou tudo menos bonita. Mas para lecionar para crianças de um povoado não se faz necessário ser bonita, apenas sabida o suficiente.

— E quem disse isso? – Perguntou interessado e um pouco irritado com a pessoa que havia colocado ideia tão descabida em sua cabeça.

— Seu irmão! – Soltoou furiosa, dando-lhe as costas e batendo os tacos das botinas no chão como um general prestes a tomar uma cidade sitiada.

Luke tentou alcançá-la porque desejava saber mais detalhes daquela história curiosa. Seus irmãos não teriam cometido o pecado de chamar mulher tão formosa de feia. Definitivamente teria sido um grande sacrilégio da parte deles. Muito menos Brennan, o mais sério dos três, teria cometido a injúria de ofendê-la.

E ela lhe devia explicações, mas em outra hora, pois um dos mineiros acabou exigindo sua atenção para cuidar de um assunto importante.

Observou-a de longe, num sacolejo de quadris

PERIGOSAS ACHERON

que o fazia salivar. Era uma mulher pequena, magra, frágil e delicada, mas com curvas, o tipo preferido de Luke.

Infelizmente, não poderia investir seus esforços em conquistar mulher que já foi do interesse de um dos seus dois irmãos. Havia entre eles uma espécie de acordo, onde um não poderia seduzir a mulher do outro. Um código de honra que ele não quebraria nem pela mais bela das ruivas.



Celine só queria ter uma vida diferente, longe de tudo que a fazia se sentir um estorvo. Filha do importante senador Garret Thompson, precisamente a segunda de uma prole de cinco mulheres e a única que herdou os cabelos vermelhos da avó paterna, o que a transformou na excentricidade da sociedade nova-iorquina assim que fora apresentada em seu primeiro baile.

Mas eram seus gostos nada convencionais para uma dama de bom berço que a fizeram ter fama de desajustada e deixada de lado nos salões. Gostava de falar sobre assuntos que não interessavam a maioria das amigas e chocava aos homens quando decidia lhes recitar Platão ou Aristóteles.

Apesar disso, teve o tempo em que sonhou em ter sua própria família e até nutriu esperanças de encontrar um bom marido, que lhe entendesse e

PERIGOSAS ACHERON

com quem pudesse compartilhar ideais em comum. Desiludida por não ter conseguido a atenção daquele pelo qual o coração bateu mais forte desde a primeira vez que o viu, desistiu da empreitada de arranjar um marido e convenceu o pai a deixá-la estudar para se formar professora.

Foram anos de grande agitação, desdobrando-se entre estudar e ainda se fazer presente nos eventos sociais que a mãe selecionava como uma exigência para que pudesse terminar os estudos e partir para longe, onde pretendia ser útil para alguém.

Precisava admitir que fugiu de Nova Iorque também para se livrar das lembranças de Brennan, pois mesmo que ele não se cassasse com sua prima ou viesse a notá-la um dia, dificilmente o pai aceitaria por genro aquele que rechaçou a sobrinha.

Simplesmente se convenceu que ele não era para ela.

Atravessou o país para ter uma vida nova, distante de recordações que a perturbavam e a deixavam insegura para ter que encontrar a personificação do que havia de pior nos Gallagher.

PERIGOSAS NACIONAIS

Luke ainda haveria de enlouquecê-la, tão-somente por ter tido a audácia de cruzar seu caminho.

Nem mesmo o dia de trabalho árduo na escola foi capaz de amenizar o mau humor que ele havia causado ao se juntar a ela no café da manhã. O corpo estava exausto por ter tido que limpar a escola de ponta a ponta, mas a mente era capaz de correr milhas só para poder se livrar de sua imagem presunçosa, cuja empáfia de um príncipe mimado o havia feito chamá-la de bela quando não passava da borralheira da festa.

Celine sempre foi consciente de ser diferente da maioria das garotas e os sussurros que era obrigada a ouvir a fizeram aceitar que não era a mulher mais bonita, talvez não a mais feia, mas muito diferente do conceito de beleza que o mundo perseguia.

— *Fessora!* — Uma das suas alunas mais novas puxou seu vestido e a ruiva se agachou para atendê-la. — Cortei meu dedinho. — Mostrou a mãozinha ensanguentada e acabou com os olhos marejados diante de situação tão calamitosa.

PERIGOSAS ACHERON

O prédio da escola precisava de reparos. Pregos soltos por todos os lados representavam um perigo para as crianças. As carteiras eram velhas e enferrujadas. Não havia livros ou material didático para que pudesse ensiná-los com qualidade.

Alarmada e esgotada pelo longo dia de trabalho, dispensou as crianças e sentou-se na soleira da porta, sentindo o suor se acumular na testa. Estava suja e com os cabelos desgrenhados, mas nada se comparava com o sentimento de impotência que lhe invadia a alma por ser incapaz de mudar a realidade que encontrou. Tudo que Celine havia estudado não passava de teorias tolas diante da falta de recursos com que se deparou em Golden Valley.

Como fora ingênua em acreditar que encontraria um mundo perfeito. Seu pai lhe havia alertado sobre o que poderia encontrar, mas deixou-se levar pela vontade de desbravar o desconhecido, acreditando que poderia dar sua contribuição em prol da educação.

Essa vontade ainda a perseguia e precisava ser forte para arregaçar as mangas e trabalhar em prol

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de seus alunos, que lhe foram como um bálsamo naquele dia tão terrível, mesmo que tudo tenha sido muito difícil. Não trabalharia com turmas regulares, formadas por crianças com a mesma idade, mas com um conjunto cujas faixas etárias e graus de instruções eram muito diversificados.

Não haviam lhe ensinado nos bancos acadêmicos como ensiná-los, que tipo de pedagogia poderia atendê-los e desconfiava que os livros que havia trazido não lhe dariam as respostas certas.

Aprumou-se, porque de nada adiantaria ficar jogada ali como se uma manada de búfalos houvesse lhe atropelado. Fechou as janelas e passou o trinco na porta, tomando o rumo do saloon, onde estava hospedada, desejando apenas banho e cama. Dispensaria o jantar por se sentir muito esgotada.

Não demorou mais do que três minutos para chegar ao destino.

— Pobre moça! — Miranda, com seu vestido de decote provocante e cores exuberantes, a olhou com pena. — As crianças lhe sugaram as forças.

PERIGOSAS ACHERON

— Não foram as crianças! — Sentou-se na primeira poltrona que encontrou. — Todas foram adoráveis ao me ajudarem com a limpeza e organização da escola, mas há tanto ainda a ser feito.

— Isso é uma boa notícia! As outras que estiveram aqui antes da senhorita desistiram no primeiro dia. — Olhou-a de canto, ainda desconfiando de sua vontade de permanecer. — A vida no oeste é muito rígida para moças da cidade grande como a senhorita.

— Não é fácil, mas não pretendo desistir. — Levantou-se e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Estou aqui porque quis e pretendo provar que sou capaz.

— Pois vejo! — Miranda sorriu de uma maneira que deixou Celine incomodada.

— Gostaria de tomar um banho antes de me recolher. — Pediu com jeito. — Onde fica a casa de banhos?

— Nos fundos, à direita. Se o balde estiver vazio, terá que ir até o poço que fica no final da

rua. – Sorriu enquanto Celine a olhava alarmada.

— E quanto ao aquecimento da água? – Perguntou.

— Estamos no verão, minha querida, e não podemos gastar lenha que precisamos estocar para o inverno. – A resposta foi tão despreocupada que Celine sentiu vontade de gritar. Estava suja, cansada pelo longo dia, e só desejava se enfiar dentro de uma banheira de água quente para relaxar.

Mas apenas agradeceu, rezando para que não precisasse ter que ir até o poço para buscar água. Não se iludiu em acreditar que a sorte havia lhe chegado, por temer começar a chorar. Precisava encarar os fatos e se acostumar com a vida dura que levaria dali em diante.

Abriu a desajeitada casa de banhos e soltou um suspiro de resignação ao constatar que o balde estava vazio. Reuniu toda a dignidade que pôde e arrastou o imenso balde até o final da rua. Uma boa alma poderia ajudá-la, pensou quando ergueu a cabeça e encontrou os olhos verdes de Luke

Gallagher.

— O senhor aqui? — Ele pegou o balde de suas mãos e ela quase chorou de alívio.

— Teve um dia difícil, Celine? — Perguntou de forma descontraída, tentando acabar com o mal-estar que havia se instalado entre os dois. — A vida no oeste não é tão fácil quanto em Nova Iorque.

— Que brilhante constatação! — Revirou os olhos e ele soltou uma gargalhada que a fez fechar a cara.

— Sabemos que eu não tive escolha, mas a senhorita poderia ter se recusado a se enfiar nessa confusão. — Desceu o olhar para o seu colo e ela praguejou em silêncio por ter esquecido os botões abertos. — Por que veio para o Colorado, Celine? — Ela estremeceu e que Deus tivesse piedade dela, porque toda vez que Luke se referia a ela pelo seu nome de batismo, borboletas voavam no seu estômago, fazendo-a se sentir encalorada.

— Para lecionar! — Solto indignada com sua intromissão e ele a avaliou de cima a baixo.

— Deveria ser mais simpática com aqueles que

PERIGOSAS ACHERON

a ajudam ou prefere ficar sem banho? – Continuava a olhar de cima a baixo como se fosse capaz de enxergá-la através das várias camadas de roupas que vestia e que a deixava encalorada.

— Como sabe que essa água é para o meu banho? – Perguntou encabulada com seu atrevimento.

— Estamos no Colorado, Celine! – Piscou para ela.

Luke sabia que não devia provocá-la, mas era incapaz de evitar quando a via enrubescer. Ela agia em seu juízo como um ímã que atraía confusão. Sabia também que deveria evitá-la até não estar certo do que havia se passado entre ela e um de seus irmãos, mas não conseguia deixar de olhar para seu corpo quando mal conseguia se recordar da última vez que havia se enroscado ao corpo de uma mulher.

Celine era a personificação de alguma divindade que havia sido enviada pelo pai para atormentá-lo, provando-o de uma maneira sórdida.

Evitou voltar a olhá-la quando seu corpo dava

sinais de que a queria e tratou de encher-lhe o balde para o banho, imaginando-a nua dentro da tina e desejando poder ensaboá-la... Ah, como Luke gostaria de tocá-la em todas as partes, fazendo-a derreter em sua boca.

— Perguntei se pode levar o balde até o saloon!? — Ela o interrompeu a tempo de surpreendê-lo em momento constrangedor e, pela primeira vez na vida, sentiu que poderia ser capaz de se envergonhar.

— Deveria se banhar no rio. — Disse para desviar a atenção do meio de suas pernas, mas já era tarde porque ela acabava de levar as mãos à boca para conter seu espanto. — É mais prático.

— Mas nada decoroso. — Respondeu acanhada e ele considerou mais uma vez a possibilidade de juntar-se a ela no banho.

— Outra lição sobre o oeste, Celine! — Começou a andar e ela o seguiu. — Decoro não existe neste lado da América.

Ela não respondeu e um silêncio pairou entre os dois até ele a deixar à porta da casa de banhos.

— Agradeço a ajuda, Luke! — Encolheu os ombros e mordeu os lábios sem saber o efeito que ela lhe provocava. — Peço perdão pelo meu comportamento rude hoje cedo.

— Não se culpe! Estou acostumado a ser comparado aos meus irmãos. — Deu de ombros e ela justificou a atração que sentiu por ele pelo cansaço que a fazia não pensar direito. — Mas gostaria de saber qual dos meus irmãos lhe quebrou o coração.

Luke não resistiu e se aproximou de Celine sorrateiramente, deixando-se envolver pelo seu cheiro de perfume caro misturado ao suor do longo dia de trabalho pesado que havia enfrentado. Usou a ponta dos dedos para acariciá-la no rosto, encantado com as pequenas sardas que salpicavam a ponta do seu nariz.

— Nenhum deles quebrou meu coração, ao menos que eles tenham consciência de tê-lo feito. — Não conseguia mover os braços para impedi-lo de que a tocasse.

— Foi uma paixão platônica, então? — Desceu

com a carícia até o queixo e forçou que ela o encarasse. — Apaixonou-se por um dos meus irmãos, mas não foi correspondida? Diga-me, Celine! — Ela estava enfeitiçada e acabou concordando. — A pior das decepções, não acha? — Fitou-a, olho no olho. — Olhar, sentir, querer e não poder ter nada em troca. Quando temos alguns beijos roubados ou mesmo olhares correspondidos, a decepção é menos crua. Pois te darei algo para amenizar essa dor que a machuca tanto, minha ruivinha! — Com a mão desocupada a trouxe para junto do seu corpo, encostando sua testa na dela, sussurrando teorias sobre paixão que a deixavam com as pernas bambas.

E quando ele havia conseguido vencer as barreiras da razão que a prendiam, simplesmente lhe roubou um beijo que a deixou sem ar. As línguas se juntaram em uma dança sensual que os deixou sem fôlego. Luke pôde constatar que havia sido seu primeiro beijo, mas foi doce, precioso e com um sabor de pecado que fazia seu coração saltitar, exigir mais daquela pequena travessura.

— Oh... — Ela soltou extasiada, segurando-se

PERIGOSAS NACIONAIS

no pescoço dele porque as pernas não eram capazes de sustentá-la decentemente. — O senhor é um atrevido ao aproveitar-se de minha fragilidade... — As palavras lhe saíam da boca sem pensar muito e o coração pulava no peito, enviando mensagens calorosas ao corpo. — Eu preciso tomar banho, Luke! — Empurrou-o, agarrando-se na parede.

— Eu também! — Deu-lhe as costas antes que acabasse se enfiando dentro da casa de banhos com ela e se isso acontecesse, ninguém seria capaz de freá-lo, porque aquela mulher era mais perigosa do que ele supunha ser quando resolveu lhe dar uma pequena amostra do prazer que poderia ter vivido nos braços do maldito irmão que ela tanto havia quisto.

Odiou aos dois por não saber quem tinha sido o responsável por quebrar seu coração.

PERIGOSAS ACHERON



Não adiantou a Luke se enfiar com as roupas dentro das águas geladas do rio, nem evitá-la nos dias que seguiram depois que a beijou.

Celine havia se infiltrado em seus pensamentos como uma erva daninha, que só fazia crescer e crescer para tirá-lo do prumo.

Entregou-se ao trabalho como nunca e se embrenhou dentro da mina em busca de algo mais do que estanho e carvão, mas ela sempre acabava dominando a maior parte dos seus pensamentos, deixando-o louco e considerando a possibilidade de ceder às insinuações da viúva.

Miranda sim era o tipo de mulher que saberia agradá-lo sem exigir nada em troca. Celine era uma donzela a julgar pela inexperiência em retribuir as carícias e avanços de um homem. Quando a beijou,

teve certeza de que não existia um noivo, sequer existiu um namorado. E apesar de ser tão pura e intocada, havia se entregado de uma maneira tão única e perfeita que seu juízo havia sido afetado, assim como seu coração se recusava a deixar de bater por ela.

Logicamente que Luke não estava em seu juízo perfeito. Eram meses de abstinência sexual e isso poderia fazê-lo um demente. Comparava o que lhe acontecia com o desespero de um homem perdido no deserto, cujas miragens lhe levavam a acreditar que estava enxergando sombra e água fresca ao invés de areia. Celine era a água que estava lhe faltando, mas era uma donzela de Nova Iorque, talvez o amor de um dos seus irmãos.

Luke poderia aceitar qualquer coisa que lhe dissessem. Era sim um irresponsável, mimado que se preocupava em viver a vida da melhor maneira possível, mas era leal aos seus irmãos, e não pretendia seduzir a mulher cujo coração batia por um deles.

Se ao menos ela lhe revelasse quem era o felizardo poderia avaliar melhor a situação para

PERIGOSAS ACHERON

saber se poderia ter chances com ela. Outra loucura que ele não poderia admitir. Luke não precisava ter chances com ela, porque se casar com uma dama de Nova Iorque não estava em seus planos. Eram chatas, entediadas e dispostas a tudo para amarrar um homem nos laços sagrados do casamento.

Contudo, Celine estava longe de ser uma afetada dama de Nova Iorque. Nenhuma delas teria se atrevido a atravessar o país em busca de um sonho, enfrentando uma viagem perigosa e sujando as mãos para deixar a escola em condições de receber as crianças.

Era forte como outra não foi capaz de ser e isso o fascinava.

Trabalhar. Sim, ele trabalharia arduamente até se ver livre do feitiço que ela havia lhe lançado. Conseguiria prosperar antes do previsto e voltaria para Nova Iorque para sua vida fácil.

— Luke! — Miranda o chamou já dentro de seu gabinete de trabalho, olhando para a cama que estava em um dos cantos, como sempre se insinuando para ele. — Não tem mais aparecido na

vila e ficamos preocupados. — Falou com sua voz melosa que pretendia algo em troca.

— Estive muito ocupado com a mina. — Tentou evitar olhá-la, porque não achava justo quando seus pensamentos estavam todos focados em Celine.

— Precisa de uma mulher, Luke! — Aproximou-se dele e encostou a mão em seu peito. — Nenhum homem viril como você é capaz de aguentar uma abstinência tão longa.

— Eu tenho suportado. — Soltou sem pensar muito, porque só conseguia vê-la e querê-la, a maldita professorinha nova-iorquina, que ardia em sua pele desde que havia provado seu sabor. — Agradeço a preocupação e prometo que irei visitá-los em breve.

— Fico feliz! — Ela se afastou e ele agradeceu. — Ficou sabendo da chegada do novo xerife?

— Era tempo de um chegar. — Cruzou os braços, revelando desinteresse. Não era fácil se livrar dos avanços de Miranda.

— Não teme perder o posto de preferido? — Sorriu, sentando-se na cama para puxar o vestido e

PERIGOSAS ACHERON

assim lhe mostrar os tornozelos.

— Não posso perder o lugar que não ocupei, Miranda! — Foi sincero, já cansado com aquela conversa demorada.

— Não se preocupe, Luke! O xerife não demonstrou o mínimo interesse por mim. Já nossa professora Celine tem recebido todas as atenções. Há quem já aposte em um casamento antes do final do verão. — Aquilo lhe foi uma surpresa irritante, tão irritante que acabou fechando as mãos em punhos. — O que diz a respeito?

— Nada. — Respondeu com a cara amarrada, sentindo-se tão furioso que era capaz de nocautear seu oponente no primeiro segundo da luta. Aliás Luke precisava extravasar as energias em uma boa luta, mas teria que tomar o cuidado de não transformar o xerife em seu saco de pancadas.

— Bem, passei também para convidá-lo a se reunir conosco hoje à noite. Iremos festejar a chegada do xerife com bebida e comida, tudo por minha conta. — Levantou-se e foi para perto de Luke quase o beijando na boca se ele não tivesse

desviado.

Não havia melhor notícia para lhe darem, pensou frustrado.

O que mais poderia lhe acontecer? Seu pai havia lhe enviado para o fim do mundo, querendo que ele encontrasse a responsabilidade que lhe faltou a vida toda, mas não considerou que uma ruiva de beijo quente acabasse arruinando sua determinação. Não bastasse isso, acabava de protagonizar sua primeira cena de ciúmes, além de ter negado se juntar na cama com uma mulher que poderia resolver parte dos seus problemas, mas que não tinha cabelos de fogo como Celine.

Luke estava confuso e absolutamente perdido no meio do Colorado, sem nenhum dos irmãos para poder lhe dar um conselho.



Celine estava em polvorosa pela chegada dos livros que havia encomendado com seu pai. Haviam chegado com alguns dias de atraso, mas seriam de grande utilidade para ensinar as crianças.

Apesar da vida dura e sem conforto que levava, seus dias eram repletos de felicidade ao poder enxergar a esperança nos olhinhos de seus alunos. Havia se apegado a uma garotinha órfã que estava sendo criada por uma família da vila. Os Murray não tinham muito dinheiro para sustentar mais uma boca e Celine havia se apegado muito para deixá-la passar fome. Sempre que podia, passava pelo rancho deles e deixava alguns donativos para ajudar na alimentação da pequena, que assim como ela tinha cabelos ruivos e sardas que lhe cobriam as bochechas.

— Pedirei ajuda a algum cavalheiro para vir
PERIGOSAS ACHERON

buscar a caixa, Senhor Sanches. — Avisou ao responsável pelo serviço de correio já quando estava na porta do estabelecimento, trombando com Luke que estava às suas costas. — Oh, perdão! — Reconheceu-o quando ergueu a cabeça. — Luke!

— Prazer em revê-la, Celine! — Acenou usando o chapéu que estava na cabeça e se ela contasse para alguém que havia visto um dos irmãos Gallagher em trajes de vaqueiro, ninguém acreditaria nela. Mas aquela vestimenta combinava com ele perfeitamente, deixando-o ainda mais confiante e com o perdão da palavra mais atraente. — Posso ajudá-la com a caixa, se me permitir. — Olhou-a com seu habitual atrevimento que a fazia corar em demasia.

— A ajuda será muito bem-vinda. Mas temo que terei que abusar de sua boa vontade. — Sorriu e ele jurou ter visto uma fada. — Terá que levá-la para a escola. — O que era um grande esforço, considerando o peso da caixa.

— Pois levaremos até sua escola, professora! — Tomou a direção que Sanchez lhe indicou e saiu de trás de uma cortina com a caixa no ombro. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei que eram vestidos e não pedras. — Brincou e ela o achou divertido.

— São livros e veja o quanto o conhecimento pode pesar. — Abriu a porta para que ele passasse. — Como tem passado, Luke? Não o tenho visto na vila nos últimos dias.

— Andei muito ocupado com o trabalho. Ser dono de mina ocupa a maior parte do meu tempo.

— Seu pai ficaria orgulhoso.

— Não acredito nisso. — Parou por alguns segundos para secar o suor que lhe escorria na testa. — A mina já estava falida quando a assumi e tem sido difícil reerguê-la.

— Para onde seus irmãos foram? — Perguntou parecendo estar presa em algum pensamento distante, talvez na época em que havia conhecido o irmão por quem havia se apaixonado, o que o deixou aborrecido.

— Não sei. Quando nos despedimos, estávamos tão afogados em nossas próprias misérias que simplesmente nos abraçamos e desejamos boa sorte um para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tem medo de não revê-los? — Uma rajada de vento fez com que seu chapéu voasse para longe, despenteando os cabelos que acabaram caindo sobre os ombros como uma cascata de cobre derretido.

— Maldição. — Luke praguejou baixinho ao tomar consciência da beleza crua e exótica que sorria diante de si, descabelada e tão magnífica como se pudesse se fundir ao sol que lhe fazia companhia como uma sombra que a reverenciava por ser incapaz de ofuscar beleza tão perfeita.

Não era uma beleza clássica, sequer chegava perto dos afrescos que havia visto nas galerias da Europa, nem nas telas de pintores renomados. Ninguém conseguiria captar momento tão sublime, concluiu assombrado com o que havia sentido ao vê-la com os cabelos soltos, um vislumbre do que ela seria nua entre os lençóis.

E a loucura voltava a tomá-lo, deixando-o preocupado com o que faria se não tratasse de se afastar dela.

— Fiz uma pergunta! — Aproximou-se

novamente, recolhendo os cabelos dentro do chapéu de palha que combinava com ela mais do que um de cetim. — Perguntava se não tem medo de não voltar a encontrá-los? Os seus irmãos?

— Voltaremos a nos encontrar assim que o prazo que nosso pai nos deu terminar. Sei que eles voltarão para casa e mais ricos do que eu. — Doeulhe ter que admitir que os irmãos eram mais capazes do que ele. Nas outras vezes que passou por algo do tipo, sempre havia sido como uma pirraça de moleque que não admitia ser passado para trás, mas ali diante dela, ele queria ser o melhor, não para ganhar dos irmãos, mas porque ele queria que ela sentisse orgulho dele. Que Celine tivesse apreço por ele mais do que pelo irmão que ela escolheu anos antes. — E a senhorita deseja rever meu irmão?

— Não entendi. — Olhou para o chão como se pudesse contar os passos que dava para evitar pensar na pergunta que lhe havia feito.

— É apaixonada por um dos meus irmãos e perguntei se quer revê-lo. — Chegaram diante da porta da escola e ela se adiantou para destrancá-la.

— Não sou tão ingênua a ponto de nutrir sentimentos do tipo. — Deu-lhe as costas como uma maneira de se preservar.

Celine indicou o lugar onde deveria ser depositada a caixa e depois de ele abri-la usando um pé de cabra, voltou a inquiri-la sobre a paixão que sentia por um de seus irmãos mais velhos.

— Qual deles foi o escolhido, Celine?

— Para que quer saber se nada mudará? — Deu de ombros. — Foi uma paixão tola de menina deslumbrada.

— Mas que lhe custou a crença de que não pode encontrar um amor. — Aproximou-se dela, porque o que sentia era mais forte do que a razão, que lhe dizia para se afastar.

— O amor não é para todos, Luke, assim como a riqueza e o luxo. Olhe a nossa volta e perceba o quanto fomos agraciados por nascermos em famílias que nos garantiram comida, calor e conforto.

— Quem é, Celine!? — Puxou-a pela cintura e encostou sua testa na dela. — Foi Noah? — Ela se

PERIGOSAS ACHERON

engasgou diante da proximidade. — Foi Brennan?
— Ambos salivaram ao recordar o beijo que trocaram dias antes. — Foi meu irmão mais velho.
— Afirmou convicto.

— Não importa mais. Ele se comprometeu com minha prima...

— E cometeu um grande erro. Como pôde não ter te notado? — Soltoou inconformado com a tolice do irmão ao se comprometer com a prima errada. Bethany o rechaçou por não querer esperá-lo. Brennan precisava partir para cumprir o ano que o pai os deu e a noiva simplesmente lhe virou as costas como se fosse um par de sapatos que poderia ser substituído por outro.

— Sou invisível ou as pessoas fingem não me ver. Entenda, Luke, não sou uma garota comum e sei que costumo chocar as pessoas com ideias e valores pouco ortodoxos... Mas esta sou eu.

— É perfeita assim!

— Não sou e você sabe disso! Por favor, pare de tecer elogios à minha pessoa, sinto-me enganada. — Tentou se livrar do aperto dele, mas ele

não deixou.

— Ele não a quis, mas eu a quero, Celine.

— Somos impróprios um ao outro. É mais novo do que...

Colou os lábios nos dela, puxando-a para junto do seu corpo, sem medo de chocá-la ou amedrontá-la para que ela compreendesse de uma vez por todas que era o seu corpo de homem que a desejava e que não havia maior verdade que essa para um Gallagher.

Foi um beijo intenso, revelando toda a malícia que queria compartilhar, para que tivesse apenas uma amostra do que poderiam ter juntos. Não era Brennan, mas era um Gallagher, e ele poderia lhe apresentar um mundo de prazer.

Porque estava completamente atraído pela ruiva e que tudo definitivamente fosse para o inferno, melhor, ele já havia chegado no fim do mundo e para chegar ao inferno, bastava dar o próximo passo.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Celine havia escolhido um bonito vestido na cor verde, que conseguia amenizar o intenso vermelho de seus cabelos ao mesmo tempo que realçava o brilho de seus olhos. Evitava as cores fortes, o que foi uma dica preciosa que recebeu de uma caridosa modista de Nova Iorque. Infelizmente a havia conhecido muito tarde e talvez se pudesse contar com seus conselhos antes, poderia não ter sido o fracasso que foi em sociedade.

Procurou no fundo do baú por um espartilho tradicional, amarrado nas costas, que combinaria melhor com o modelo do vestido, e com a ajuda de uma das garotas que ajudavam Miranda, vestiu-se para a pequena comemoração que teriam em homenagem ao novo xerife.

Acabou notando que havia exagerado quando todos grudaram os olhos nela. Estava muito

PERIGOSAS ACHERON

arrumada e um nó na garganta se formou. Não precisava ter tido tanto esforço quando todos ali eram pessoas simples e nunca haviam colocado os olhos em roupa tão elegante.

Porém, era tarde para voltar atrás e simplesmente desceu as escadas, tentando soar despreocupada e agradecendo os elogios que recebia ao longo do caminho.

Procurava desesperadamente por Luke e frustrou-se quando foi cumprimentada pelo xerife Gordon, o homem que seu pai havia enviado para garantir sua segurança. Não lhe foi difícil descobrir a artimanha do velho Garret Thompson e, num primeiro momento, zangou-se com ele por tentar sempre se intrometer em seus assuntos. Evidentemente, logo percebeu que poderia usar a influência do pai para melhorar a vida dos moradores de Golden Valley. Bastava ela ser habilidosa para fazer os pedidos que considerava essenciais, como uma verba para reformar a escola e equipá-la com livros. Não perdeu tempo e escreveu uma carta ao senador, contando os detalhes de sua difícil missão como professora

quando lhe faltava o básico para dar as aulas, esperando que ele atendesse seus pedidos o mais breve possível.

Deixou-se pajear por Gordon, dançou com ele uma valsa, e alegando cansaço, pediu para que a acompanhasse até uma das cadeiras espalhadas pelo salão.

— Creio que o senhor irá gostar da vida em Golden Valley. — Abanou-se com o leque, sentindo-se acalorada, mas não pelo calor que fazia e sim porque notou os olhos de Luke sobre si.

Ele havia chegado e vinha ao seu encontro, pisando duro, deixando uma trilha de suspiros para trás. Eram moças e mulheres mais maduras que se encantavam por seu porte impressionante, sorriso debochado e um ar de fatalidade que praticamente o tornava um deus de calças apertadas.

Definitivamente aquelas vestimentas combinavam com ele, pensou.

— Celine! — Tirou o chapéu e curvou-se em um cumprimento. — Fico feliz que tenha retornado em segurança. — Deixou-a corada com aquele

comentário inusitado e pouco apropriado para o momento, onde todos os olhos e ouvidos os acompanhavam.

— Como pode ver cheguei sã e salva. — E com muito calor depois de com ele trocar beijos e carícias clandestinamente dentro da escola. Sentia-se tão impressionada e extasiada que nem o banho frio que tomou lhe incomodou. Ao contrário, ajudou-a a acomodar o torvelinho de sensações que a varriam.

Luke beijou-a no dorso da mão, demorando-se o suficiente para poder relembrar o agradável momento que havia desfrutado quando a beijou mais cedo, afastando-se em seguida para não constrangê-la. Teria que dar atenção às outras pessoas, assim como se apresentar ao xerife que parecia um carrapato grudado em Celine.

Passou o resto da noite numa luta interna entre fazer o certo e deixá-la aproveitar as atenções de todos, dando a ela o gosto de uma vez na vida se sentir a estrela da festa, ou jogá-la no ombro para levá-la para um lugar onde ele pudesse tocá-la e se perder em suas curvas, que tanto ansiava tocar.

Dançou com Miranda e com mais duas garotas para não ser tido como grosseiro, sem tirar os olhos do objeto de seu desejo naquela noite. Foi na troca de pares em uma quadrilha que teve a chance de senti-la e com ela trocar algumas palavras.

— Está linda esta noite, mas ainda a prefiro com as roupas leves que a vi mais cedo. — Sussurrou-lhe no ouvido e ela lhe brindou com um sorriso afetuoso.

— Não devia ter me arrumado tanto. — Confessou encabulada. — Sinto-me exageradamente deslocada e o calor está me deixando nauseada.

— Vamos dar um passeio, Celine! A noite está estrelada e a brisa agradável lhe fará bem. — Piscou e ela acabou se deixando conduzir para fora da pista de dança improvisada, sentindo o coração pular no peito com tanta força que poderia muito bem sair pela boca se não desse um jeito de se acalmar.

— Não é aconselhável sairmos... O que dirão? — Perguntou preocupada, esquecendo-se que não

estavam em Nova Iorque e não haveria matronas para repreendê-los. Eram livres, desimpedidos e simplesmente poderiam fazer o que quisessem.

— Estamos no Colorado, ruivinha! — Apertou seu nariz, pegando uma garrafa de uísque e dois copos de cima de uma das mesas. — Vamos! — Estendeu a mão e ela aceitou sem perceber que dava o primeiro passo rumo à perdição.

Caminharam lado a lado em silêncio, mas a tensão sexual entre os dois poderia ser sentida do outro lado do país, pairando como uma magia incrível que poderia uni-los naquela mesma noite. Bastava que as barreiras que os separavam caíssem, desnudando-se um para o outro.

— Luke! — Celine sorriu ao ver a pequena cabana erguida em cima de uma árvore muito grande. — Você tem uma casa na árvore! — Riu como uma menina feliz, porque sempre quis ter tido uma quando criança.

— Não é minha, mas como a construí para as crianças, deixam-me usá-la em algumas noites. — Deu de ombros e ofereceu ajuda para que subisse as

escadas. Ela hesitou por um momento, temendo que não conseguisse passar pelo buraco em razão do volume das diversas anáguas que usava. — O que foi? — Ele perguntou curioso. — Não quer olhar as estrelas lá do alto?

— Claro que sim! — Jamais perderia a oportunidade de conhecer uma casa na árvore. — Preciso antes me livrar de algumas anáguas. — Implorou com os olhos para que se virasse e não a enxergasse se despir de parte das roupas que usava para armar o vestido.

Luke se virou, mas acabou espiando quando teve oportunidade e a admirou com gosto, sentindo o sangue esquentar e se espalhar por partes de sua anatomia que não mereciam ser despertadas quando queria apenas lhe mostrar as estrelas.

Ajudou-a a subir e a seguiu com a boca salivando, pensando indecências e querendo que ela implorasse por mais beijos. Ah, como ele queria que ela fosse mais experiente, uma viúva ou uma mulher que não prezasse tanto por sua reputação. Não precisaria se conter e com ela viveria momentos prazerosos.

— Nunca me disse seu sobrenome, Celine! — Contemplou-a olhando para as estrelas e lhe ofereceu um copo de uísque que ela aceitou torcendo o nariz. Não era o melhor uísque que havia bebido na vida, nem chegava perto dos escoceses que eram servidos nos clubes de Nova Iorque, mas serviu para fazê-lo relaxar nas noites mais tumultuadas que havia passado nos últimos tempos. Seu prazo estava se esgotando e logo teria que retornar para casa e enfrentar a vergonha do fracasso.

— É Thompson. — Respondeu bebericando o líquido escuro com cara de quem não estava gostando. — Meu pai é Garret Thompson.

— O senador que todos dizem ser o próximo candidato dos republicanos à presidência. — Ela aquiesceu. — Por isso algo em você me era familiar. Conheci Pauline, uma de suas irmãs.

— Ela é alguns anos mais jovem do que eu e... — Ele a interrompeu antes que acabasse se desdenhando.

— É apenas diferente de você! Eu diria mais

PERIGOSAS NACIONAIS

pálida. — Considerou ao se lembrar dos cabelos loiros da garota. — Conheci-a através de um amigo em comum e só isso, Celine. — Ela relaxou os ombros e foi para dentro da casa, não se importando que ele a seguisse.

— Somos em cinco irmãs e eu sou a segunda. Já deveria ter me casado, mas sempre quis mais do que minhas irmãs e temo que meu pai me tenha por um grande fardo. — Confessou porque precisava se livrar daquele peso que a consumia. — Por isso decidi vir para o Colorado para ser professora.

— Admiro-a por isso. Eu nunca teria vindo se meu pai não tivesse nos obrigado com a maldita aposta que nos fez. — Sentou-se no chão, convidando-a com a mão para que se juntasse a ele.

— Adaptou-se muito bem a uma vida selvagem, Luke! Melhor do que eu. — Sorriu e ele pensou ter visto o sol em plena noite. — Sinto falta de banho quente e de sabão perfumado. Tomo tanto sol que quando minha mãe colocar os olhos em meu rosto ficará alarmada pelas novas sardas que se abriram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elas a deixam linda. — Piscou. — Gosto de suas sardas, ruivinha!

— Acho que posso conviver com seus galanteios, Senhor Gallagher. — Entrou no jogo dele e acabou rindo de sua audácia, tudo culpa do uísque que havia bebido.

Mas não era o suficiente para deixá-la à vontade na presença dele e simplesmente pediu por mais. Embriagou-se a tal ponto que acabou no colo de Luke, com as saias levantadas e protestando para que lhe amasse, sem saber exatamente o que estava pedindo, um tanto irritada por não ser mais experiente e assim aproveitar aquele homem lindo que a fazia ver borboletas coloridas e que poderia fazê-la derreter com um beijo.

Poderia muito bem se entregar a ele e ninguém precisava saber que havia sido desonrada por um homem mais jovem do que ela. Estava a milhas de distância de casa e um escândalo no Colorado não afetaria a vida de seu pai, nem de suas irmãs solteiras que ainda sonhavam em se casar.

— Não posso me aproveitar de você. —

PERIGOSAS ACHERON

Afastou-a dos lábios a muito custo, porque poderia muito bem girá-la e com ela ter o que tanto ansiava, acalmando os instintos que o perturbavam há dias. — Está bêbada e se isso tem que acontecer mesmo... — Ela lhe roubou um beijo porque embriagada havia se tornado uma descarada. — Quero que esteja sóbria.

— Não estou bêbada! — Soluçou quando ele tentava lhe colocar de pé. — Apenas me sinto leve e tão feliz que acho que as estrelas estão dançando. Veja, Luke! — Apontou para o céu quando saíram do coberto de palha da casinha. — As estrelas são mais bonitas aqui do que em Nova Iorque.

— Vou levá-la para o Billy Bob's antes que seu pai a obrigue se casar comigo. — Pegou-a no colo.

— Seria assim tão horrível se casar comigo? — Fechou a cara e Luke se arrependeu do comentário.

— Talvez para ti, pois sou um Gallagher e nossa fama não é das melhores.

— Seria uma infâmia me casar com o mais pirralho deles. — Soltou uma gargalhada, aninhando-se em seus braços como uma menina em

PERIGOSAS NACIONAIS

busca de proteção.

Celine podia ser mais velha do que Luke, mas era tão pequena e leve que poderia facilmente passar por uma menina. Eram as curvas generosas e os seios fartos que a denunciavam já estar em idade para se casar. Mesmo assim sua aparência jovial e o brilho maroto que mantinha dentro dos olhos não lhe davam mais do que 18 anos e Luke já tinha 22, o que significa que ela deveria ter uns 24 ou 25 anos.

Fazia cálculos, primeiro da diferença de idade que tinham, depois do quanto precisaria juntar para pagar o próximo salário dos mineiros. E assim foi até chegar ao saloon, onde a deixou em segurança, acomodando-a em sua cama, sempre recitando o mantra de que não poderia cometer a loucura de se juntar a ela.

E aquilo lhe abriria as portas do paraíso, convertendo-o praticamente em um santo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Luke havia tomado a decisão de pedir um empréstimo bancário, seu último esforço para tentar tirar a mina da falência. Não fazia isso em razão do desafio do pai, mas porque havia se apegado aos moradores de Golden Valley, que tinham aquela mina como um de seus únicos sustentos. Mesmo os fazendeiros dependiam dela e seria o fim da vila se não pudessem contar com os postos de trabalho que ela oferecia mesmo que pagando pouco.

Passou alguns dias em Denver e usou do peso de seu sobrenome para levantar o capital necessário para a compra de equipamentos e dinamite para chegar a uma parte inexplorada da mina, que ainda poderia guardar algumas pepitas de ouro, deixando como garantia seu relógio de bolso, um dos últimos objetos de valor que ainda não tinha vendido.

Em Denver não havia lutas de boxe
PERIGOSAS ACHERON

clandestinas e se existissem, não conseguiu encontrá-las, o que o obrigou a se desfazer do objeto que lhe fora deixado pelo avô materno como uma lembrança do quanto eram próximos. Aquilo o deixou de mau humor e o fez retornar antes do previsto, não lhe dando tempo para visitar um dos famosos bordéis que diziam ter moças muito bem preparadas para entreter seus frequentadores e com isso livrá-lo da fixação que mantinha pela ruiva.

Mesmo com todos os atrativos que Denver poderia lhe oferecer, Luke não conseguiu se livrar da imagem de Celine e acabou dentro de uma pequena venda à procura de um dos livros que ela tanto gostava de ler para as crianças. Conseguiu uma edição de Moby Dick e acabou gastando seus últimos dólares naquele presente tão sem graça, mas que a fazia sorrir lindamente.

Luke nunca gostou de ler e sempre preferiu exercitar o corpo ao ar livre, mas entendia o gosto de Celine pelas letras e números.

E mesmo que estivesse cansado da viagem feita em cima do lombo do cavalo, acabou cedendo à vontade de vê-la. Decidiu ir ao seu encontro na

PERIGOSAS ACHERON

escola e a aguardaria encerrar a aula do dia para lhe entregar o presente escolhido com tanta dedicação. Mas acabou irritado ao encontrar o xerife Gordon com um ramallete de flores em mãos.

— Não esperava encontrá-lo aqui em horário de expediente. — Luke ofereceu a mão para um aperto.

— Não há muito o que fazer em Golden Valley quando até os fora da lei evitam se aproximar. — O homem de cabelos loiros abriu um sorriso para aparentar simpatia. — Nem mesmo o protetor da Senhora Miranda, que todos temem, apareceu para me dar a chance de prendê-lo.

— Também nunca o vi e desconfio que não passa de uma invenção dela para manter todos em seu devido lugar. — Mesmo assim Luke nunca quis arriscar ao se envolver com ela.

Uma algazarra de vozes infantis interrompeu a conversa dos dois homens quando a porta da escola foi aberta e de lá saiu a ruiva que os fazia suspirar como dois tolos apaixonados.

Luke poderia estar encantado pela professora,

mas o xerife também, e isso o deixou chateado, porque acabava mexendo com seus brios e o medo lhe tocou a alma uma vez na vida. Ele a queria para si e temia que ela o trocasse por um mais velho e experiente, que poderia lhe dar a segurança que ele não sabia ser capaz de lhe garantir.

Era apenas o filho mais novo de Burke Gallagher e isso parecia não ser nada para Celine Thompson, cujo pai era um importante homem da política e que dificilmente aceitaria ter a filha envolvida com o mais irresponsável dos filhos de um cervejeiro irlandês, por mais ricos que fossem.

Aquilo era uma grande merda, pensou frustrado. Apaixonar-se por alguém que nunca lhe daria uma chance verdadeira.

— Senhores! — Celine desceu os degraus e sorriu para os dois, limpando as mãos sujas de giz em seu avental. — A que devo a honra? — Arqueou uma sobancelha ao perceber os presentes que eles seguravam.

— Vim buscá-la para acompanhá-la até o saloon! — Gordon se adiantou e ela recebeu as

flores.

— Agradeço a preocupação, mas a dispenso! — Foi fria com o xerife e algo dentro de Luke gritou que ela não o estimava. — Em seu relatório ao meu pai, coloque que estou incomodada de ser pajeada por um xerife que deveria estar se ocupando de proteger a comunidade. — Quase riu não fossem os olhos verdes dela em cima dele. Pobre homem, considerou Luke com a satisfação estampada no rosto. Celine não era mulher de rodeios e isso o deixou orgulhoso. — E quanto a ti, Luke? O que faz aqui? — Perguntou logo após o xerife ter se despedido.

— Lembrei de você em Denver e acabei comprando isto! — Entregou o pacote. Celine aceitou o presente e voltou a entrar na escola, sendo seguida pelo Gallagher. — É verdade o que ouvi? Que seu pai designou um xerife para Golden Valley apenas para protegê-la?

— Não há verdade mais irritante e pobre homem por ter que suportar minha frustração com meu pai. O Senhor Gordon não é culpado de eu ser filha de Garret Thompson. — Rasgou o papel que

PERIGOSAS ACHERON

embrulhava o livro. — Oh, Luke! As crianças adorarão a história. — Sorriu e deixando-se levar pelo impulso, abraçou-o com carinho. — Mas não devia ter gastado comigo quando a mina precisa de dinheiro.

— Estou esperançoso de encontrar ouro e acabar com meus problemas definitivamente. — Luke estava convencido de que Celine não precisava se preocupar com sua péssima situação financeira. — E você como tem passado nos últimos dias?

— Envolvida com os assuntos da escola e com a peça que iremos encenar no dia de Ações de Graças. — Relatou seus últimos projetos com empolgação ainda abraçada a ele como se fossem um casal de namorados.

A proximidade entre os dois era deliciosa de ser sentida e tão natural que era como se tivessem sido feitos para serem companheiros, dividindo não apenas uma cama, mas também uma vida.

Pensar sobre camas e vidas já era demais para Luke e ele justificou os pensamentos na dureza de

PERIGOSAS NACIONAIS

sua vida nos últimos tempos. Quando retornasse para casa e pudesse tomar um banho de verdade, dormir em uma cama quente e macia, tudo voltaria ao normal.

Empurrou-a e foi para perto da porta em busca de ar puro.

— Posso acompanhá-la até o Billy Bob's? — Olhou-a e a encontrou com os olhos arregalados pela rispidez com que a tratou, odiando-se um pouco mais por ter sido tão bruto com uma dama criada em Nova Iorque com todos os mimos que poderia receber como filha de um senador.

— Perdoe-me por... — Não conseguia encontrar as palavras para descrever seu comportamento impróprio. Abraçou-o e ali ficou até que ele a afastou, deixando-a chocada com sua falta de modos com um cavalheiro.

— Eu que peço perdão, Celine! Não devia ter permitido que se aproximasse tanto quando não faço outra coisa a não ser tentar tirá-la dos meus pensamentos. — Confessou, silenciando-a por completo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Como Celine não lhe respondeu, ele tratou de deixá-la sozinha.

Era o melhor a ser feito, considerando que já não conseguia disfarçar a atração que sentia por ela, constrangendo-a além do devido.

Mas Celine se sentiu abandonada e o vazio que ele deixou em seu coração a fez soltar algumas lágrimas de pura emoção. Havia tentado se proteger dele, evitando deixar-se tocar como havia acontecido com Brennan, sem se dar conta que o caçula era ainda mais perigoso.

Enquanto um era sério, o outro ria despretensiosamente. Enquanto um era elegante e sisudo, o outro não tinha medo de revelar o que sentia. Brennan e Luke eram muito idênticos na aparência, os três irmãos eram na verdade. Porém, Luke não tinha muito do comportamento do irmão, era mais leve e brincalhão, e havia lhe mostrado um mundo que a deixava deslumbrada, onde regras apenas eram invenções tolas de humanos que não sabiam o quanto poderiam ser mais felizes sem elas.

PERIGOSAS ACHERON

Constatou enquanto olhava Luke se afastando em seu cavalo que havia sido curada da paixão que sentia por Brennan, compreendendo que não passara de uma fascinação pelo homem errado.

Porque o homem certo era outro, mais jovem, mais bonito e cheio de vida.

O que faria com este sentimento? Ela definitivamente não sabia.



Luke não lembrava de se sentir tão confuso na vida quanto naqueles últimos dias, precisamente desde a chegada de Celine em Golden Valley. Estava apaixonado e como isso nunca havia acontecido de maneira tão arrebatadora, não sabia ao certo como lidar com os sentimentos que o faziam despertar com as calças molhadas todas as manhãs.

A ruiva lhe provocava a ponto de manter com ela sonhos eróticos, onde a tocava em todas as partes, fazia-a gemer e implorar por mais. Aquelas sardas definitivamente haviam se convertido em sua ruína. Já não era o mesmo Luke de outrora, que vivia sem amarras, permitindo-se saborear os prazeres que a vida lhe oferecia.

Ele apenas queria desfrutar de um prazer: Celine Thompson.

No entanto, junto com ela vinha muitos inconvenientes. Era filha de um senador e se a tocasse, seu pai não apenas o deserdaria, como o enviaria para o Alasca em uma missão suicida para garantir que não retornasse com vida para casa. E o pior... Era apaixonada por seu irmão Brennan.

Repassava todos esses pontos diversas vezes em sua cabeça para se convencer de que ela não era a mulher certa para ele.

Nunca seria.

No entanto, se havia uma coisa que não fazia sentido em sua vida era a palavra inconveniência. Luke não era tido pelo mais irresponsável dos irmãos à toa. Era impetuoso o bastante para seguir adiante com ela.

Bastava ela lhe dar o sinal e nada mais poderia impedi-lo.

— Patrão! — Um dos mineiros entrou em seu escritório. — Está tudo pronto para detonação e estamos apenas à espera do senhor.

Luke se levantou, pegou a arma de dentro da gaveta e a guardou junto à cintura, colocando em

PERIGOSAS ACHERON

seguida o chapéu. Sentiria falta do chapéu de vaqueiro quando retornasse a Nova Iorque, assim como das botas que eram mais práticas.

A vida simples do oeste tinha suas vantagens, pensou sorrindo para seu empregado.

— Vamos lá que estou louco para encontrar ouro e ficar rico. — Esfregou as mãos uma na outra, divertindo-se com a possibilidade de explodir pedras.



Celine ensaiava a peça de teatro com as crianças quando notou uma agitação incomum na rua. Homens viam e iam, mulheres cochichavam com rostos atemorizados. Curiosa acabou dispensando os alunos e foi em busca de informações, alarmando-se quando Miranda lhe contou que Luke havia sido ferido em uma das detonações da mina.

Suas pernas ameaçavam lhe falhar justo naquele momento que deveria ser forte e tentar ajudá-lo de alguma forma. Mas como se era apenas

uma professora que mal podia imaginar perdê-lo sem nem ao menos ter lhe dito que o amava?!

Ela precisava fazer algo e, decidida, pediu que um dos mineiros a levasse até ele.

Demorou mais do que o esperado, pois não sabia montar a cavalo e a mina não ficava tão perto quanto imaginava.

Encontrou-o deitado e sem a camisa. Havia sido tratado pelos mineiros que limparam a ferida e a taparam da melhor forma que conseguiram. E a julgar pelo tamanho da atadura, havia sido um ferimento muito grande.

— Ainda não chegou a minha hora, Celine! — Sorriu para ela e o alívio a tomou.

— Seu tolo! — Aproximou-se e sentou-se na cadeira que ficava ao lado da cama dele. — É aqui que vive então! Nada perto da mansão de sua família, mas gostei. — Olhou em volta. — Muito confortável para um selvagem como você que não sabe que detonar rochas é uma atividade muito perigosa.

— Alguém precisava fazê-lo e na falta de um

PERIGOSAS ACHERON

especialista, não quis arriscar um dos meus empregados. — Aquilo lhe foi uma surpresa, revelando mais uma parte de seu caráter que ela não conhecia.

— Luke! — Fitou-o. — Tem certeza que não temos que chamar um médico? O senhor Harry garantiu que não passou de um raspão, mas se infeccionar, o que faremos?

— Vou ficar bem e tenho uma saúde de ferro. Quase um ano no oeste e não contraí nenhuma doença. — Pegou-a pela mão e levou-a aos lábios, sentindo-se feliz por vê-la ali ao seu lado, preocupada com ele. — Ficarei bem agora que está aqui.

— Deu-me um susto, Luke! O que diria ao seu pai e aos seus irmãos se algo de pior tivesse acontecido?

— Duvido que um deles sentisse minha falta. — Evitou encará-la. — Talvez Brennan ou Noah, mas não meu pai, que se sentiria aliviado por se ver livre de mim.

— Eu sentiria sua falta, se isso lhe fizer alguma

diferença. — Ajoelhou-se diante da cama e puxou seu rosto para que pudesse observá-lo, apaziguando o receio que sentiu de perdê-lo. Estava um pouco pálido, mas sem febre, e ela estava confiante que logo estaria recuperado.

— Mais do que de Brennan? — O mais novo dos Gallagher arriscou, sabendo que havia sido um completo idiota em fazer pergunta tão sem propósito a não ser revelar seus ciúmes.

— Brennan não me importa mais. — Soltou sorridente.

— E quando descobriu isso, Celine?

— Quando seu irmão caçula atrevido me beijou para depois me dar as costas.

— Não se brinca assim com o coração de um moribundo. — Fez com que ela soltasse uma gargalhada.

— Você não é um moribundo, Luke, ao menos não parece um! — Acariciou-lhe a face, sentindo a barba crescida espetar sua pele, deixando-se envolver por uma emoção tão incrível que a fazia se sentir nas nuvens. — Mas posso ser sua

PERIGOSAS ACHERON

enfermeira. — Levantou-se e foi ao encontro dos homens que o haviam socorrido para lhes dispensar, assumindo os cuidados dali por diante.

Luke apenas a observou de longe, ouvindo as instruções que dava aos seus empregados com firmeza e convicção, deixando-o alarmado por não fazer ideia em como poderia se manter indiferente com a ruiva ali com ele o tempo todo.

— Não tem medo de passar a noite comigo, Celine? — Perguntou olhando-a de cima a baixo, imaginando-a nua sob seu corpo, ardendo de desejo por ela.

— Eu deveria ter medo? — Sorriu timidamente, demonstrando que estava disposta a brincar seu jogo, mesmo que acabasse ferida ao final.

Celine havia ouvido histórias sobre os irmãos Gallagher, o quanto eram atrevidos e capazes de atrair a desgraça para a vida de uma mulher. Sempre julgou que não passavam de boatos maldosos daquelas que foram rechaçadas por eles, mas acabava de constatar que todas elas haviam mentido em um ponto em específico: elas haviam

desfrutado ao serem arruinadas.

— Jamais, ruivinha! — E Celine acreditou naquela promessa, consciente de que não poderia reclamar depois de não ter sido avisada. — É minha flor do deserto.

— Você não toma jeito! Tão atrevido em seus galanteios que acaba por me convencer que tudo que fala é verdade. — Foi em busca de uma bacia com água para limpá-lo. — Onde guarda suas roupas? Não pensa em passar a noite dentro dessas calças sujas de barro, não é?!

E assim Celine se ocupou em deixá-lo mais confortável para que sua recuperação fosse mais rápida, mantendo-o aquecido e bem alimentado. O caldo que havia preparado não era dos mais apetitosos, mas ele não quis reclamar para não entristecê-la. Luke seria capaz de comer pedra apenas para deixá-la feliz.

A professora acabou adormecendo sentada na cadeira de balanço e ele pé ante pé para não acordá-la de seu sono profundo foi até ela e a levou até a cama. Livrou-a das botinas e afrouxou os laços do

PERIGOSAS NACIONAIS

espartilho para que não se machucasse durante a noite. Retirou cada uma das forquilhas que seguravam seus cabelos em um coque, fascinado com a massa vermelha que se esparramava em cima do travesseiro.

Era linda e preciosa, pensou, deitando-se ao seu lado e a puxando para perto do seu corpo. Se ela não o tivesse feito beber uma dose de láudano, dificilmente seria capaz de dormir colado ao corpo dela. Mas o sono lhe chegava também e teria que se contentar em apenas dormir abraçado à ruiva.

PERIGOSAS ACHERON



Celine despertou sentindo-se tão bem que sequer conseguiu compreender de imediato que estava enroscada ao corpo de um homem. Havia tido alguns sonhos estranhos durante a noite, mas tão agradáveis que se permitiu não acordar tão cedo.

Olhou entre as cortinas e o sol já estava alto no céu. Espreguiçou-se e acabou assustando-se quando percebeu que braços a mantinham presa embaixo dos lençóis. Foi então que olhou para o lado e chocou-se ao ver Luke ao seu lado, dormindo o sono dos justos.

Como ela havia parado ali na cama dele, ela pretendia não descobrir para não se alarmar ainda mais. Nem devia ter passado a noite ali e havia prometido que assim que ele pegasse no sono, iria para seu modesto quarto no saloon, retornando no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dia seguinte com o café da manhã.

Ao menos estava vestida, relaxou ao perceber que não estava nua.

Voltando a se preocupar quando considerou a possibilidade que muitas coisas poderiam acontecer mesmo que continuassem vestidos.

Senhor, o que ela havia feito? Era uma garota sensata e não costumava dividir a cama com um homem, nem mesmo quando ele a perturbava como Luke Gallagher.

Afastou o braço dele e quietinha tratou de saltar da cama. Procurou pelas botinas e puxou os laços do espartilho. Era um modelo cujo fechamento ficava na frente, uma praticidade que sua mãe lhe ajudou encomendar a contragosto, já que havia decidido viajar sem acompanhante. Como não encontrou as forquilhas, trançou o cabelo e o jogou para trás das costas.

Mas não poderia sair dali como uma fugitiva e ainda teve a consideração de lhe deixar uma mensagem de que viria vê-lo mais tarde, talvez depois da escola.

PERIGOSAS ACHERON

Antes de sair, ainda conferiu se estava com febre e não resistiu à vontade de beijá-lo nos lábios. Estava ainda dormindo profundamente e não se lembraria de nada, nem daquele beijo inocente que roubou dele, mas que acabou a despertando para sentimentos que não sabia controlar muito bem.

Saiu em disparada, esforçando-se para não ser notada e agradeceu quando fechou a porta do quarto no saloon sem ninguém tê-la interrompido.

Mas havia uma pessoa que notara seu sumiço e que não havia gostado nenhum pouco disso. Miranda a aguardava no salão com a cara amarrada e um mau humor que colocaria para correr uma tropa de foras da lei.

— Bem sabe que não é prudente uma moça solteira cuidar de um homem adoentado. — Bateu o pé no chão. — Deveria ter me chamado para ficar em seu lugar. — Repreendeu-a como se fosse sua irmã mais velha. — Duvido que foi capaz de atendê-lo do jeito certo. — Aquilo irritou profundamente Celine.

— E qual seria o jeito certo de atender um

homem machucado, Senhora Miranda? – Estufou o peito e a fitou nos olhos.

— É uma moça solteira e não conhece a anatomia de um homem ou de suas necessidades. Nem comento que é uma dessas mocinhas mimadas da cidade grande que sequer conseguem lavar suas roupas. – Celine engoliu seco, sentindo os olhos marejados, por lhe despertar o mesmo sentimento de inferioridade que a levou deixar sua família em busca de uma vida nova.

— A senhora fala como se o desejasse para si. – Soltou enfurecida.

— E se isso for uma verdade, o que te importa? Sou livre e desimpedida e não tenho que guardar mais minha virgindade para me casar, diferentemente da senhorita. – Celine preferiu não lhe dar mais ouvidos, decidindo dispensar o café da manhã por mais fome que estivesse, mas acabou impedida de sair quando a mulher a segurou pelo braço. — Tenho um aviso para te dar, mocinha! Fique longe de Luke ou se arrependerá de ter pisado em Golden Valley.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É ele quem decidirá se quer minha companhia e não a senhora. — Puxou o braço, forçando que ela soltasse.

— Então a dama mostrou a que veio! — Miranda soltou uma gargalhada histérica, revelando-se para Celine da forma mais sórdida possível.

— Não sei do que fala e não pretendo descobrir. — Tentou sair, mas foi interrompida novamente quando a viúva se colocou entre ela e a porta.

— Se faz de sonsa, mas quer roubar o que é meu.

— Luke? — Foi a vez de Celine rir. — Luke não é meu nem seu, Miranda! Não se casará comigo, nem contigo. É um Gallagher e são conhecidos como destruidores de corações. Se for esperta, considerará minhas palavras como um conselho e não me ameaçará mais. Agora, saia da minha frente que tenho uma aula para dar. — Exigiu, querendo que um buraco se abrisse para jogar aquela mulher petulante dentro.

PERIGOSAS ACHERON

Era tudo o que lhe faltava, pensou secando os olhos na manga do vestido florido que havia escolhido rapidamente. Acabar apaixonada por mais um Gallagher e ter que competi-lo com uma mulher cujo caráter a fazia ser uma rameira.

Já havia ouvido falar dos encontros que tinha com os homens da vila, mas havia se recusado a acreditar nas fofocas por ser ingênua demais e sempre esperar o melhor das pessoas.

Isso também teria que mudar ou não daria certo ali naquele mundo selvagem que ao final se mostrava tão mesquinho quanto à sociedade nova-iorquina. Não, decididamente não! Nova Iorque era pior, pois Miranda havia sido mesquinha, mas havia falado a verdade e não agido às suas costas.

Aquela conversa havia lhe feito abrir os olhos para quem era Luke, mais um Gallagher que não negava a raça de homens sedutores da qual fazia parte, dispostos a tudo para conquistar uma mulher e quebrar seu coração depois.

Evidentemente, ele mantinha um caso com Miranda e não havia atravessado o país para se

envolver em uma disputa pela preferência de um homem.

Que ele ficasse com Miranda e a deixasse em paz com seus alunos.

Sim, se dedicaria a lecionar aos pequenos e esqueceria o sorriso atraente de Luke, as mãos grandes em sua cintura, a voz rouca que lhe fazia amolecer. Esqueceria Luke, porque não havia nascido para viver um amor.

Já havia tido sua cota de decepções para uma vida.

— *Fessora!* — O mais velho dos Murray a chamou quando estava prestes a entrar na escola. — Minha mãe mandou avisá-la que Beckie está doente. — Nada poderia tê-la alarmado mais do que a notícia de que sua pequena ruivinha estava doente. — Desde ontem que tem febre alta.

Celine sabia que uma doença para uma criança desnutrida como Beckie poderia ser fatal e se algo acontecesse com a menina não seria capaz de se perdoar.

— Dixie, meu bem, peça para que sua mãe a

PERIGOSAS ACHERON

traga até o saloon, onde posso cuidá-la melhor. — Orientou o menino que saiu em disparada.

Celine precisava encontrar um médico, mas como? Com certeza se Luke não estivesse acamado, ele trotaria até a cidade mais próxima em busca de um. Rapidamente, lembrou do xerife e não pensou duas vezes em correr para a delegacia em busca de ajuda assim que conseguisse avisar as crianças que não teriam aula.

Em pouco mais de duas horas, Beckie já estava no colo de Celine, ardendo em febre e à espera do médico que o xerife foi buscar. As compressas de água fria não conseguiam baixar sua temperatura e a menina já delirava, entregando-se à doença sem nem ao menos tentar lutar pela vida de tão fraquinha que estava. Era como se segurasse uma boneca pálida no colo.

Celine não admitiria perder sua princesinha e a impotência lhe rasgava o coração. Era rica sim, a herdeira de uma das maiores fortunas do país, mas ali naquele fim de mundo, de nada adiantava ter dinheiro, porque faltava tudo e tudo estava distante demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

Num ato de desespero, chegou a entrar com Beckie na tina de água fria, agradecendo que Miranda havia dado uma trégua na rusga entre as duas. Todos queriam ajudar, mas não havia muito o que ser feito a não ser esperar. O desespero aumentava conforme os ponteiros do relógio se moviam e o xerife não chegava com o médico.

Miranda chamou o reverendo para lhe dar a benção final, mas Celine não aceitou aquilo e se colocou contra o homem, expulsando-o do quarto. Inconsolável e ajoelhada na cama, prometeu que adotaria Beckie se Deus a salvasse.

Acabou adormecendo ao pé da cama da menina, sentindo-se a pior das pessoas, culpando-se por ter se preocupado mais com as emoções que um homem lhe despertava do que com a criança frágil que precisava dela.

Havia se afeiçoado à menina a ponto de amá-la como filha. Talvez a filha que Deus havia enviado para ela como presente e que seria tirada dela como castigo por sua negligência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



O sol alaranjado já desaparecia no horizonte quando Luke calçou suas botas da forma mais desajeitada por não poder usar as duas mãos, evitando fazer esforço com o ombro ferido, que lhe doía muito. E mesmo que o desconforto lhe incomodasse, não deixaria de ir ao encontro de Celine, cujo sumiço havia lhe deixado preocupado.

A ruiva era esquentada e muitas vezes se irritava a troco de nada, mas era leal e cumpria com suas promessas. Algo havia acontecido para que não retornasse como prometido.

Não foi fácil cavalgar com o ombro ferido, mas sua determinação em vê-la foi maior e em poucos minutos avistou o pequeno e bucólico vilarejo de Golden Valley. Alarmou-se quando não ouviu vozes no saloon, como se estivessem todos à espera da morte. Luke já havia presenciado algo do tipo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

logo que chegou à região e sabia decifrar que estavam apenas aguardando as próximas horas, preparando-se para o funeral que aconteceria sem enganos.

Seu coração batia acelerado no peito e o medo de que algo de ruim lhe tivesse acontecido enquanto dormia prostrado numa cama o deixou impaciente. A ruiva de nariz arrebitado e sardas que lhe tingiam o rosto como um enfeite delicado havia se infiltrado em sua vida de uma maneira tão intensa e em tão pouco tempo que já não era capaz de imaginá-la distante.

Seu alívio só veio quando a encontrou dormindo sobre o corpo imóvel da órfã que todos chamavam por Beckie, deixando-o assombrado com a semelhança física das duas, como se ali estivesse uma versão menor da própria Celine. Surpreendentemente, seus pensamentos o levaram a imaginar lindas garotinhas de cabelos ruivos como a mãe.

— Celine! — Ajoelhou-se diante da cama e a tocou nas costas, tentando despertá-la.

PERIGOSAS ACHERON

— Luke! — Ela abriu os olhos e ele os percebeu vermelhos pelo choro. — Oh Luke, o que faz de pé aqui?

— Prometeu que voltaria, Celine! Fiquei preocupado. — Disse consternado.

— Não pude... — A voz ficou embargada de repente. — Beckie está muito doente e todos acham que não passará desta noite. — As lágrimas lhe tomavam a face. — O xerife Gordon não retorna com o médico e não sei mais o que fazer para que a febre baixe. Perderei minha garotinha, Luke!

— Claro que não, ruivinha! — Puxou-a para seu colo e a abraçou com carinho, tentando consolá-la, devolver-lhe a esperança. — A levaremos até um curandeiro e tudo ficará bem, eu prometo. — Secou-lhe as bochechas com os dedos e a beijou delicadamente nos lábios. Uma carícia que a confortou.

— Mas e o médico? — Perguntou confusa.

— Não virá, Celine! Não há um médico por essas bandas e mesmo que o xerife encontre um, não aceitará vir para esse fim de mundo, ou se

aceitar, o que acho improvável, não chegará a tempo de fazer algo pela menina. — E todos sabiam disso, pois já haviam visto muita gente morrer por falta de atendimento médico.

Todos em Golden Valley haviam se acostumado com a falta de recursos e tratavam a morte iminente com muito respeito. No início de sua estadia, Luke não compreendia muito bem a apatia que os tomava quando alguém adoecia. Mas com o passar do tempo, compreendeu suas razões e deixou de julgá-los. Entendeu que os esforços eram em vão.

— Não quero perdê-la. — Encostou a cabeça no peito de Luke e deixou-se embalar por ele para que a dor sumisse de seu peito.

— Lutaremos por sua vida, mas preciso que a prepare para uma pequena viagem. — Levantou o queixo dela, exigindo que prestasse atenção. — A levaremos até uma tribo que não fica muito distante daqui. Lá vive um curandeiro que sei que poderá cuidar de Beckie. É nossa única chance de salvá-la. Confia em mim, Celine? — Perguntou e ela aquiesceu com um rápido movimento de cabeça. —

PERIGOSAS ACHERON

Enquanto eu vou atrás de uma charrete, prepare a menina e vista algo mais confortável. É melhor não usar espartilho. Não será uma viagem longa, mas temo que penosa para você que não está acostumada.

Luke a levantou de seu colo, renovando sua promessa de que tudo ficaria bem. Rapidamente organizou a viagem, improvisando um dos carros da mina para servir de charrete, colocando feno para servir de colchão à menina.

Retornou ao Billy Bob's, onde encontrou Celine rodeada pelas mulheres que lhe falavam sem parar. Havia uma agitação incomum em torno dela, que foi justificada quando a viu vestida como um homem, mas tão sedutoramente linda que não foi capaz de falar por uns bons cinco minutos.

— Quando disse que devia usar um traje confortável, não estava me referindo a usar calças, Celine. — Sussurrou sem conseguir deixar de olhar para suas curvas. A camisa branca que usava mal conseguia deixar muito para a imaginação e sentiu vontade de cobri-la quando os outros homens perceberam o mesmo que ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho roupas para uma viagem dessas e os vestidos das outras mulheres não me serviram. Betsy pensou que as roupas de seu menino mais velho poderiam servir e serviram. — Deu de ombros. — Beckie também está pronta. — Indicou o andar de cima e Luke correu para buscá-la. Não podiam perder mais tempo ou chegariam tarde demais para curá-la.

Acomodou a criança da melhor maneira que pôde e depois que guardou a cesta com os mantimentos que os alimentariam durante a viagem, ajudou Celine a se sentar na parte de trás da charrete improvisada.

— Luke, preocupo-me com seu ombro. — Celine o segurou pelo braço. — Tem certeza que é capaz de enfrentar viagem tão perigosa assim ferido?

— Não se preocupe, ruivinha! — Apertou o nariz dela e acabou recebendo um sorriso em troca. Não foi o mais cativante que ela lhe deu, mesmo assim lhe deixou sem fôlego, porque ela era linda em qualquer situação e só fazia querê-la para si.

PERIGOSAS ACHERON

O amor era uma surpresa, pensou satisfeito.



Viajaram junto ao leito do rio, passando por um desfiladeiro cuja altura provocou calafrios em Celine. A paisagem se descortinava aos seus olhos, revelando um mundo totalmente diferente daquele em que fora criada, mas tão intrigante que a fazia suspirar em alguns momentos.

Fizeram poucas paradas, apenas as necessárias para que os dois cavalos pudessem beber água e ter um descanso. Nessas pausas e quando Beckie não exigia sua atenção, Celine conversava com Luke sobre suas aventuras no oeste.

Ali não existia mais o dândi mimado que só fazia dilapidar a fortuna do pai e sim um homem rústico, que havia aprendido a sobreviver com pouco, valorizando cada vida humana que lhe estendeu a mão.

Golden Valley não havia sido sua primeira parada e descobrir que ele havia ganhado a mina em uma luta de boxe a deixou surpresa. Mas não o

julgava, porque desde que pisara no Colorado, deu-se conta que as coisas funcionam de uma maneira diferente e que isso não os fazia piores, apenas sobreviventes.

Conseguiram alcançar a tribo dos arapahos no entardecer do dia seguinte e foram recebidos com cordialidade pelos nativos. Luke havia conhecido um deles meses antes e parecia existir entre eles uma dívida que Celine não havia compreendido direito e como sua preocupação com Beckie era maior, acabou esquecendo-se de perguntar para ele.

O mais difícil foi ter que se separar de Beckie quando a menina foi levada ao chefe da tribo, um homem que não gostava de aparecer e que atendia pelo nome de Bear Bull. Sentiu-se amedrontada, mas confiou na palavra de Luke de que tudo correria bem.

Como haviam chegado juntos, os índios entenderam que eram casados e os colocaram em uma tenda feita de peles de animais e galhos de árvores para que pudessem descansar. De tão esgotada que estava por ter permanecido acordada duas noites seguidas, adormeceu nos braços de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Luke, sentindo-se protegida.

Acabou sendo despertada por um resmungo de dor que Luke sentiu e saltou imediatamente, preocupando-se com seu ferimento. Olhou em volta em busca de água limpa para poder trocar o curativo.

— Oh Luke, como pude me esquecer da ferida?
— Solto tentando ajeitar os cabelos bagunçados.

— Vem cá! — A puxou de volta para seus braços. — Só foi uma fígada.

— Mas temos que trocar a bandagem para que não infeccione. — Impediu-a de falar levando um dedo à sua boca.

— Bear Bull me enviou um unguento e ontem com a ajuda de Barriga de Urso, trocamos o curativo. Vai ficar tudo bem. — Ela sorriu de alívio.

— É tão linda quando sorri que daria o mundo para que pudesse sorrir sempre. — Beijou-a na bochecha, deslizando a mão até a nuca, brincando com seus cabelos vermelhos que haviam fascinado toda a tribo.

PERIGOSAS ACHERON

Era tão diferente das mulheres da tribo que os nativos mais velhos a compararam a alguma divindade feminina e passaram a adorá-la com oferendas. E se antes Barriga de Urso o tinha gratidão por ter salvado sua vida em Denver, passou a respeitá-lo por ser o protetor da Mulher e da Menina Vermelha.

Luke entendia a fascinação dos arapahos por Celine porque havia sido tocado por ela também e deixou-se levar pela vontade de beijá-la, encostando seus lábios nos dela, querendo sentir seu gosto. Foi um toque gentil, sem pressa e aos poucos forçou passagem, enrolando sua língua na dela, mordiscando o lábio inferior como uma provocação e uma exigência de que precisava mais dela.

Celine não o impediu e deixou que a língua dele se enrolasse na dela, deixando-se levar pela emoção que a tomava toda vez que ele a tocava daquela maneira pouco convencional, que apenas um marido teria direito de exigir. Estavam em um lugar paradisíaco, dividindo uma tenda entre peles de animais, envoltos por uma magia que ela não

entendia, mas que desejava provar.

Obedecendo ao chamado do coração, ela deitou e o puxou para cima de seu corpo, envolvendo-o com os braços, abrindo-se para ele, entregando-se ao prazer que assolava matá-la se ele não fizesse algo. Os beijos eram maravilhosos, mas ela queria mais e não sabia ao certo do que tanto necessitava.

— Celine... — Ouviu-o a chamar e explodiu entre as pernas quando ele deslizou a mão por baixo da camisa, encontrando seus seios e a tocando com lascívia. — Você me quer? — Ele pediu, mas ela não pôde respondê-lo, pois a voz de Barriga de Urso os chamava para lhes trazer notícias sobre Beckie.



Os dias passavam tornando-se mais amenos conforme o calor do verão dava lugar para a brisa do outono. Beckie já não corria risco de morte e era uma questão de tempo para que estivesse forte para enfrentar a estrada.

Luke havia tomado a decisão de se afastar de Celine depois da noite que quase a tomou sem pensar nas consequências de tirar a virgindade da filha de um importante senador. Mas esse não foi o principal motivo. Celine não merecia um homem como ele, que não podia lhe oferecer um lar decente e que mal sabia o que iria lhe acontecer quando tivesse que enfrentar o pai.

Foi uma decisão difícil, mas era o melhor para os dois.

Tentando esquecê-la, aproveitou os dias na

PERIGOSAS NACIONAIS

companhia de Barriga de Urso para caçar e pescar e com isso aprender um pouco mais sobre aquele povo tão diferente e misterioso enquanto seu ombro se curava.

Quando havia chegado ao Colorado, depois de atravessar parte do território do Texas, Oklahoma e Kansas, já havia ouvido muitas lendas sobre os nativos que já viviam ali antes dos espanhóis e ingleses disputarem suas terras, mas muitas delas não passavam de invenções do povo e isso lhe ficou claro quando conheceu Barriga de Urso, salvando-o de ser massacrado por um grupo de bandoleiros nas cercanias de Denver assim que ali chegou.

Mas isso não o impediu de observá-la à distância em meio às nativas que lhe paparicavam e lhe enfeitavam com penachos e pulseiras.

Celine, por sua vez, não sabia o que fazer para se reaproximar de Luke. Sentia-se preterida depois da noite em que haviam dormido abraçados e se beijado ao amanhecer. Temia ter feito algo de errado e com isso o afastado.

Cansada de ser evitada, decidiu confrontá-lo,

PERIGOSAS ACHERON

exigir-lhe uma explicação. Os últimos meses haviam lhe provado que era dona de seu nariz e podia tomar suas próprias decisões sem medo de arrependimentos.

Beckie estava bem e já se atrevia a brincar com as crianças quando o sol estava mais ameno. Em razão da diferença de línguas, não conseguiu compreender o mal que havia colocado sua pequena de cama, mas o mais importante é que havia sido curada. E assim que retornassem para Golden Valley, passaria a morar com ela no saloon até conseguir uma casinha para as duas viverem.

Naquele dia em especial, ela confiou os cuidados de Beckie a uma índia e seguiu Luke, determinada a ter uma conversa definitiva com ele, obedecendo a vontade de seu coração. Não o deixou percebê-la sabendo que daria um jeito de despistá-la e esperou que ele entrasse no rio para se juntar a ele.

Nunca havia se banhado ao ar livre, mas para tudo tinha a primeira vez. Assim como pôde viver como uma nativa americana, poderia nadar sem roupas em um rio de águas geladas. Tudo valeria a

PERIGOSAS ACHERON

pena para poder ter o que queria.

E o que ela queria naquele momento era Luke Gallagher, por mais que fosse uma loucura.

Livrou-se das roupas diante do olhar aguçado de Luke que estupefato a acompanhava com os olhos. E lentamente, sentindo os pelos do corpo se arrepiarem à medida que a água gelada lhe tocava nas partes mais sensíveis, o alcançou.

— Olá, Luke! — Sorriu e ele precisou piscar algumas vezes para ter certeza de que não se tratava de um sonho. — Acho que você tem me evitado nos últimos dias. — Usou os braços para tentar se proteger dele, do seu olhar provocante que a fazia se sentir quente em todas as partes.

— Celine, o que faz aqui? — Perguntou embasbacado.

— Vim tomar banho com você. — Respondeu arrebitando o nariz salpicado das sardas que tanto gostava nela. — Eu estou com frio, Luke. Poderia fazer a gentileza de me abraçar? — Perguntou insinuante e ele atendeu seu pedido, totalmente apalermado.

— Está segura que eu não serei mais capaz de soltá-la? — Exigiu uma resposta, encarando-a com ardor nos olhos.

— Estou tão certa que quero ser sua que vim até você mesmo que tenha se dedicado tanto a fugir de mim. — Passou os braços pelo pescoço dele. — Você ainda me quer, Luke?

— Eu sempre quis você, ruivinha. Sempre! — Tomou-a em um beijo feroz, grudando-se a ela com pressa e fome, deslizando as mãos por suas costas para aquecê-la, para ter certeza de que não era uma miragem que desapareceria a qualquer instante. — Depois que a tomar, Celine, será minha mulher para sempre. — Falou entredentes, incapaz de desgrudar de boca tão deliciosa.

— Eu quero ser sua. — Celine gemeu quando ele deslizou a mão sobre seu sexo.

Luke não conseguiria mais parar e que Deus o perdoasse, mas ela seria dele. A faria sua, a tocaria e a amaria como merecia.

Ergueu-a, pedindo que ela passasse as pernas em torno do quadril dele e, abandonando a água

gelada do rio, a levou para baixo de uma árvore, onde uma manta havia sido deixada por ele para ser usada como toalha. Depositou-a com cuidado, ajudando-a a se acomodar, sempre lhe provocando com beijos, lhe dizendo que era a mais bela das mulheres, contemplando-a como a beleza que sempre acreditou ser.

— É mais linda do que imaginei, mais perfeita, mais deliciosa. — Mordeu o pescoço dela, deslizando a boca até os seios, chupando-os com parcimônia, dedicando-se a prepará-la para a penetração. — Não tenha medo de mim, ruivinha. — Implorou.

— Não tenho medo de você, Luke. — Soltou já arrebatada pelos toques quentes dele em partes de seu corpo que só em pensar lhe deixava envergonhada. Mas era Luke a tocá-la e não se sentia acanhada, ao contrário, ela queria se revelar para ele como havia vindo ao mundo.

Aquelas palavras foram o sinal que ele precisava para amá-la, dedicando-se a envolvê-la no prazer que já o deixava excitado, completamente duro de desejo por ela, ensinando-a a entender as

PERIGOSAS ACHERON

exigências do próprio corpo.

Luke desceu um pouco mais com os beijos. Provocou-lhe à exaustão, pois a queria delirante entre gemidos de satisfação. Saboreou-a como um banquete, tocou-a no sexo com a boca, beijando aquela parte macia e delicada, descobrindo seu sabor.

Tentava encontrar uma comparação, mas era inútil. Celine era única e não havia palavras para expressar o prazer que era tocá-la tão intimamente.

E quando os dois se fundiram em um só corpo, um arrepio cruzou sua espinha e o amor o tocou como uma sinfonia divina.

Deixou-a que se acostumasse com a rigidez que pulsava dentro dela, tão exigente que a fazia se contorcer, mas não de dor, era prazer na sua forma mais primitiva.

Celine se entregava cada vez mais no exato compasso das batidas do coração. Aquele homem grande e forte conseguia fazê-la se sentir derretida e não foi capaz de sentir medo quando seus olhos encontraram o membro ereto dele, tão viril e

grande.

As índias lhe falaram sobre uma possível dor e se ela foi sentida quando ele encaixou o sexo no dela, Celine simplesmente esqueceu. Seu toque a deixava alucinada por algo que ela tentava atingir, mas que não conseguia entender. E quando tudo se tornou um borrão, ela soltou um grito, puxando-o para junto de sua boca, como se assim ele pudesse lhe dar o alívio que tanto perseguia.

A ruiva não precisou falar para que Luke começasse a se mover dentro dela, sempre beijando-a com sofreguidão, apalpando-a em partes que a deixariam envergonhada depois, mas que provocavam nela emoções maravilhosas.

O encaixe era perfeito, profundo, delirante e ela só queria que ele fosse mais fundo. Quanto mais ele lhe dava prazer, mais ela queria.

Mais unidos eles ficavam.

E o amor explodiu, transportando-os para um mundo tão diferente, mas tão perfeito que nenhum dos dois queria voltar de lá.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Para Celine Thompson, criada como uma princesa e rebelde por natureza, o paraíso ficava junto aos arapahos. Ali com eles vivia feliz, livre das preocupações, sendo a mãe de Beckie e amando todas as noites o homem que a fazia sorrir.

Foram os mais perfeitos dias de sua vida e jamais conseguiria apagar da memória a vida simples e festiva que levou junto àquele povo de cultura tão diferente da sua, mas que havia lhe provado que a vida era uma preciosidade.

Nos braços de Luke, o Gallagher que julgou erroneamente, foi apresentada à paixão, embriagando-se de sua presença marcante, deixando-se apaixonar cada vez mais, sentindo-se uma mulher plena, cheia de vida e capaz de tudo.

Mas tiveram que retornar e à medida que

Golden Valley se aproximava, a ansiedade dominava sua alma, fazendo-a questionar as escolhas que havia feito. Não se arrependia de ter se entregado a Luke, porque não haveria outro homem em sua vida. Viver uma paixão sem ninguém a julgá-los era diferente de fazer dar certo quando havia tanto entre eles. Celine, sempre com os pés no chão, sabia que assim como Luke havia chegado em sua vida, ele poderia partir.

Foi uma viagem de retorno sem contratempos e por terem usado um caminho alternativo que Barriga de Urso havia lhes ensinado, o desfiladeiro foi evitados para alívio da professora.

Luke retardou a viagem tudo o que pôde e as paradas aconteciam em intervalos menores de tempo sob a justificativa de que não queria cansar Beckie, que naquela altura também já havia lhe conquistado. Porém, a verdade era que queria passar mais tempo sozinho com Celine e mesmo que evitassem se beijar na frente da menina, só estar perto dela o deixava feliz.

Era a mulher que o destino havia lhe reservado e por isso seu irmão não a notou. Só em pensar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nisso, a irritação lhe dominava, porque jamais conseguiria deixá-la para outro, nem para um dos irmãos.

— Daremos um jeito de dar certo! — Luke apertou a mão de Celine, que estava sentada ao seu lado na charrete com Beckie quietinha no colo.

Celine encostou a cabeça no ombro dele e soltou um longo suspiro ao avistar as casas de madeira enfileiradas dos dois lados de uma única rua, formando um corredor de vida no meio do nada, onde ao final dele e bem no centro a pequena capela descascada se erguia como um altar em homenagem ao Deus que os protegia da solidão.

Foram recebidos com festa e todos, principalmente as mulheres, queriam saber detalhes daquela inusitada aventura. Muitos dos moradores de Golden Valley temiam que nenhum deles voltasse com vida e agradeceriam a Deus no culto do próximo domingo.

Tudo ia muito bem até Celine perceber os olhos de inveja de Miranda sobre si, deixando-a inquieta. Ela sabia que a viúva era apaixonada por Luke e se

PERIGOSAS ACHERON

colocaria entre os dois, disposta a brigar se fosse preciso. Mas a ruiva não estava certa quanto querer brigar por um homem que havia mudado de comportamento assim que reencontrara seus antigos parceiros, mantendo-se distante e mal a encarando.

Aquele comportamento a deixou triste e resolveu se recolher com Beckie antes que anunciassem uma comemoração da qual não queria participar. Realmente se sentia esgotada da viagem e não podia descuidar da menina, que mal havia se recuperado de uma grave enfermidade.

Colocou-a na cama depois de lhe banhar com um pano. Contou-lhe uma história e rapidamente a pequena se encolheu, agarrando seu travesseiro em busca de acalanto. Cobriu-a, pegou uma camisola limpa e partiu para a casa de banhos, rezando para que uma alma caridosa tivesse deixado o balde cheio. Precisava de um banho e nem se importava se seria gelado.

Com a tina já cheia, enfiou-se dentro dela e fechou os olhos, tentando esquecer a angústia que havia lhe abatido tanto.

— Celine! — Abriu os olhos e encontrou o mais moço dos Gallagher lhe fitando com um sorriso debochado colado nos lábios. — Precisava te ver antes de ir para casa. — Começou a se despir e ela engoliu seco diante daquele atrevimento, mas era de Luke que se tratava e sua determinação ia por terra quando o via nu.

— Podia ter falado lá fora. — Fechou os olhos, tentando resistir à tentação que tinha olhos verdes, músculos muito bem distribuídos em mais de um metro e noventa de homem e uma determinação de seduzi-la que a fazia se sentir uma tola apaixonada.

— Não fique brava, ruivinha! — Enfiou-se dentro da tina, obrigando que ela se sentasse em seu colo. — Não podia me aproximar de você sem denunciar que eu a desejo, que estamos juntos.

— Não sei se estamos juntos! — Reclamou, já amolecida com as carícias que ele distribuía em seu corpo.

Celine estava brava e não pretendia abrandar quando sabia que ele podia estar apenas tentando ludibriá-la para esconder de Miranda a relação que

os dois tinham.

— Claro que estamos, meu amor. — Mordiscou-lhe o pescoço e o corpo dela respondeu instantaneamente. Havia se viciado nos toques dele durante a estadia no acampamento indígena. — Se não a assumi é porque não quero que as pessoas falem pelas tuas costas.

— Luke!

— O quê? — Deslizou as mãos entre as coxas dela, fazendo-a gemer. — Sei que me deseja, Celine!

— Eu só queria que tudo fosse como lá na tribo. — Girou de modo a ficar de frente para ele, com as pernas rodeando o quadril dele, os braços lhe envolvendo o pescoço.

Luke também a queria e por isso veio sorrateiramente ao seu encontro, deixando-se comandar pelo desejo que ela lhe despertava. Havia sido um sacrifício dividir o mesmo recinto sem poder tocá-la; vê-la sorrir para outros homens, sem poder contar que ela era sua.

Aquilo o deixou aborrecido e disposto a

PERIGOSAS ACHERON

enfrentar o mundo para estar a sós com ela mais uma vez. E quando a viu sair do saloon, a seguiu e deu um jeito de romper o lacre da fechadura só para poder amá-la, não se importando com a inconveniência do lugar.

— Eu também queria poder voltar para lá e viver como um deles. — Seus sexos já estavam colados e bastou um movimento para ele invadi-la. Tomado de tesão, pediu que ela se movesse para cima e para baixo.

Aquela posição ainda não haviam experimentado e Celine desmanchou-se rapidamente em um orgasmo rápido e delirante. A visão dos seios empinados, chacoalhando contra seu peito, o fez encontrar o clímax também rapidamente e agradeceu por ela ter encontrado a satisfação antes dele. Jamais se perdoaria se ela não tivesse sentido o mesmo que ele.

Celine relaxou nos braços do seu amor com os olhos fechados, uma maneira de evitar confrontar a realidade. Ela desejava lhe perguntar sobre amor, se ele a amava como ela o amava, mas estava receosa de ser muito cedo e permaneceu em silêncio,

PERIGOSAS ACHERON

ouvindo as batidas do coração dos dois, aproveitando aquela sintonia perfeita que mantinham.

O amanhã era incerto, ela sabia, como a maior parte das coisas que importavam na vida. Seu pai costumava dizer que nascimentos e mortes eram uma grande loteria, sabiam que iriam acontecer, mas nunca quando e nem onde. Amores poderiam ser frustrantes quando perdidos e paixões não passavam de uma invenção de garotos para justificar suas tolices.

Mas não era isso que ela havia percebido nos braços de Luke Gallagher e não conseguia acreditar que o que o pai pregava pudesse também valer para ele, para o que os dois compartilhavam quando se encontravam.

— Não quero que vá embora. — Confessou.

— Eu preciso, mas prometo que a verei amanhã. Preciso resolver minha vida, ruivinha, antes de prometer o que não posso cumprir.

— A aposta, não é?! — Soltou magoada, porque ele acabava de escolher o pai e uma vida em Nova

Porque ao invés dela.

— Me dê apenas o tempo necessário para sair dessa grande merda que meu pai arranhou e juro que darei um jeito de ficar contigo. — Puxou-lhe pelo queixo e a beijou para selar sua promessa. — Promete que vai me esperar?

— Vou esperar por você, Luke! — Devolveu o beijo.



Luke dormiu mal naquela noite sem Celine ao seu lado. Havia se acostumado a tê-la todas as noites enquanto viveram com os arapahos e a solidão que encontrou em sua cama o fez se revirar entre as cobertas mais do que costumava quando tinha pesadelos. E os sonhos ruins tornaram-se uma constante desde que o pai o mandou embora com pouco dinheiro no bolso, tendo que contar apenas com a sorte.

Por isso, havia pulado da cama cedo, reunindo-se aos seus empregados para tomar um café forte, aproveitando a oportunidade para ficar por dentro dos últimos acontecimentos. Quando os deixou dez dias antes, estavam esperançosos de seguir com as escavações ao leste, onde os diários do antigo proprietário mencionavam a existência de ouro ou de outro minério de maior valor comercial.

A empolgação dos mineiros o fizeram se juntar na empreitada. Seu ombro já estava bem cicatrizado e não ardia, sentia apenas comichões, mas que faziam parte do processo de cicatrização como bem havia lhe dito Barriga de Urso.

E assim Luke se entreteve com o trabalho, sempre pensando em Celine e no que ela estaria fazendo longe dele. Pegou-se a idealizar uma casa confortável ao pé da montanha, com uma varanda grande e talvez um segundo andar onde ficariam os quartos dos filhos, ela sentada numa cadeira de balanço, ninando o menino que eles teriam, com Beckie brincando aos seus pés. Com certeza, seria uma vida diferente daquela que levava em Nova Iorque.

Mas para ficar com Celine, ele precisava ganhar dinheiro. Com uma mina arruinada e já sabendo que dificilmente ficaria com a cervejaria, não haveria como lhe oferecer um casamento vantajoso. Jamais Garret Thompson o aceitaria como genro. Era conhecido por ser um homem de princípios rígidos e que não entregava a mão das filhas para qualquer um. Luke sabia que ele e os

irmãos não eram os candidatos preferidos para maridos de suas filhas e tudo porque sempre foram inconsequentes, metendo-se facilmente em brigas, apostando em corridas de cavalos e perseguindo rabos de saias.

— Patrão! — Um dos mineiros exigiu sua atenção. — Acho que encontramos algo. — Apontou para um brilho acinzentado.

Luke foi até lá e conseguiu tirar uma pequena pepita. Não tinha o dourado do ouro, mas brilhava como prata e acabou soltando uma gargalhada alta.

— É muito cedo para afirmar, mas acredito que encontramos prata. — Ergueu o metal e a mostrou para os empregados, que empolgados começaram a urrar, erguendo as picaretas em sinal de comemoração. — Leve-a para o meu escritório imediatamente, Bran. Vou analisá-la com mais cuidado.

Passou mais algumas instruções e correu para seu gabinete em busca dos livros que o antigo proprietário havia deixado lá. Foi com aqueles periódicos que ele havia aprendido sobre mineração

PERIGOSAS NACIONAIS

e lá teria a resposta que tanto procurava.

Folheou também as anotações antigas em um caderno velho que havia encontrado em uma das gavetas e depois de algumas horas, estava convencido que haviam encontrado prata, o que o tornaria um homem rico se tudo que estava escrito naquelas páginas fosse verdade.

Luke finalmente havia chegado à mina de ouro que o antigo proprietário dizia existir, mas ela não era de ouro e sim de prata. E precisava contar para Celine o mais rápido possível.

Guardou a prata encontrada no cofre, encilhou o cavalo, olhando para o céu para saber a posição do sol e assim saber que horas eram. Queria que Celine fosse a primeira pessoa a saber que talvez seus problemas haviam terminado.

Que poderiam ficar juntos.

Cavalgou num ritmo acelerado, passando pela escola que já estava com as janelas e porta fechadas. Nem sequer parou e continuou em cima do lombo do cavalo, tomando a direção do saloon, onde a iria encontrar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas ao invés do silêncio típico do lugar, se deparou com uma balbúrdia que o deixou alarmado. Miranda gritava com alguém, jogando objetos para fora do saloon. Luke apeou do cavalo e emudeceu quando se deu conta que Celine estava sendo expulsa pela viúva.

— O que acontece aqui? — Perguntou irritado, fechando as mãos em punho. — Enlouqueceu, Miranda? — Exigiu uma explicação.

— Meu estabelecimento é para gente de bem e não para uma prostituta. — Ela respondeu, encarando Celine com raiva e Luke começou a compreender as razões da viúva. Estava enciumada, sentindo-se despeitada por ele nunca a ter aceitado como amante.

Olhou para a professora e quis pegá-la no colo, protegê-la daqueles olhares de pena, do rancor de Miranda.

— Você está bem? — Perguntou, aproximando-se dela, controlando-se para não deixar claro que os dois eram mais do que conhecidos, que ele a amava. Isso apenas complicaria a sua situação.

PERIGOSAS ACHERON

Celine fechou os olhos numa tentativa de parar de chorar e secou as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto com a manga do vestido enquanto Beckie seguia agarrada à sua saia.

— Ela o viu saindo da casa de banhos ontem à noite. — Soluçou. — Sabe que estivemos juntos e contou para todos. — Deixou escapar mais um soluço. — Não sei para onde ir. Nem sei se ainda me aceitarão como professora.

— Não foram eles que a contrataram e duvido que o senador permitirá que a mandem embora. — Luke se aproximou e a abraçou, não se importando com os murmurinhos ouvidos atrás dele e que confirmavam que estavam juntos.

— Simplesmente eles podem proibir as crianças de irem para a escola e uma escola sem alunos me faz uma inútil. — Deixou-se amparar por aquele homem forte, entregando-se aos seus braços como uma tábua de salvação. Mas ela sabia que só estava tratando de arruinar ainda mais sua reputação, confirmando tudo o que a viúva havia gritado sobre ela. — Oh, Luke, ela falou coisas horríveis sobre mim, sobre nós dois. — Voltou a

PERIGOSAS ACHERON

chorar.

— Não está sozinha, ruivinha! – Beijou-a na testa e se afastou dela de modo a dar um basta naquela situação constrangedora.

Celine se encolheu em um canto, pegando Beckie em seu colo, seguindo com os olhos as pisadas duras que Luke dava em direção à dona do saloon. E quando ele a alcançou, a professora jurou ter visto uma rajada de fogo cruzar suas íris claras.

— Você não sabe com quem mexeu, Miranda! – Bradou enfurecido, pegando-a pelos braços e exigindo que o encarasse para entender que o que havia feito implicava em consequências desastrosas para sua vida.

— Ela o tirou de mim! – Teve a coragem de resmungar, como se Luke houvesse um dia sido seu amante.

— Não tivemos nada para que se sinta minha dona. Nada te prometi! Mas te faço uma exigência: fique longe de mim ou de Celine, caso contrário, terá que suportar a fúria de um Gallagher. – Largou-a e foi para junto de Betsy, uma das

mulheres que ele sabia simpatizar com a ruiva. — Por favor, recolha as coisas de Celine. Pedirei para que um dos meus homens venha buscá-las.

A mulher prometeu que recolheria e guardaria em sua casa para alívio de Celine, que se aproximou de Luke para agradecer.

— Agradeço muito pela ajuda! — Abaixou a cabeça envergonhada.

— As duas irão viver comigo e que vão para o inferno quem falar um “ai” de Celine. — Falou alto para que todos o escutassem. — Ou a respeitarão como a dama que é ou morrerão de fome, porque no dia seguinte que algum boato chegar aos meus ouvidos, eu fecho a mina e vou embora para sempre de Golden Valley.

A mina até ontem poderia estar falida, mas era ela quem garantia o sustento da maioria dos moradores do vilarejo e cada um deles teria que respeitar Celine, teria que respeitá-lo ou amargariam dias de miséria e fome.

Afinal, era um Gallagher e sua má-fama teria que valer para alguma coisa, nem que fosse para

causar medo.

Levou o cavalo para perto de Celine e Beckie, ajudando-as a subir no seu lombo, sem perda de tempo. Rapidamente se acomodou atrás das duas, enlaçando-as pela cintura. Certificou-se que estavam bem acomodadas e seguras para seguir viagem e esporeou, impulsionando o animal a galopar.

Apenas desejava tirá-la dali onde todos a julgavam por um erro que ele havia cometido ao expô-la perante uma comunidade que apesar de viver isolada, não deixava de ser preconceituosa para certas coisas.



Luke tentava distrair Beckie enquanto Celine preparava o jantar com o pouco que encontrou na despensa. Costumava fazer as refeições no saloon e não se preocupava em guardar mantimentos em casa, que nunca havia perdido o jeito de escritório. Havia chegado ali para ficar apenas pelo tempo necessário para juntar dinheiro e voltar para Nova Iorque, por isso nunca se importou em transformar aquela modesta construção em um lar.

Celine ainda estava atordoada com a humilhação que foi obrigada passar. E se a mãe desconfiasse que a filha era tida por uma mulher fácil, que havia se deitado com um homem antes do casamento e com ele passaria a dividir um teto até encontrar um lugar para viver, sofreria um ataque do coração e morreria de desgosto. Mas duvidava que as notícias chegassem rapidamente até sua casa

mesmo que Miranda houvesse prometido espalhar a fofoca por todo o Colorado. Além disso, onde ela poderia passar a noite a não ser junto de Luke, se não havia outra hospedaria em Golden Valley? Talvez na delegacia, mas ela não confiava no xerife Gordon e estava certa de que ele a delataria ao pai assim que a diligência do correio passasse. Precisava ganhar tempo e evitar que o pai viesse rapidamente resgatá-la.

Estava tão chateada que não se importou se a sopa estivesse insonsa, nem mesmo com o fato de que Beckie deixou a comida de lado. Bem, Celine não sabia cozinhar pois nunca precisou e quando olhou para Luke seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não chore, ruivinha! — Pegou na mão dela que estava descansando em cima da mesa. — Eu tenho uma ótima notícia para dar. — Sorriu e a agitação de Celine pareceu se abrandar. — Descobrimos prata hoje na mina.

— Oh Luke, que notícia maravilhosa! — Abriu um sorriso que o deixou mais aliviado. — Algo de bom para um dia tão difícil. Fico feliz por você.

PERIGOSAS ACHERON

Finalmente terá o que levar para seu pai.

— Não somente isso! Posso te oferecer um futuro, Celine. — Aquilo a pegou desprevenida, mas a deixou feliz de uma maneira tão despretensiosa que aceitou o abraço de Luke quando ele se ajoelhou ao seu lado.

— Não precisa se sentir obrigado pelo que aconteceu hoje cedo com Miranda. — Soltou um suspiro.

— Não me sinto obrigado. Quero estar com você! — Levou os dedos entre os cabelos dela, bagunçando-os a ponto de livrá-los do aperto das forquilhas. Luke gostava dela com os cabelos soltos, porque realçavam as sardas e a deixavam com a aparência de boneca.

A sua boneca de porcelana.

Celine preferia que ele tivesse dito que a amava, mas querer estar com ela já era algo que a deixava feliz. E por mais que tudo houvesse se complicado, por mais que tivesse se metido numa encrenca, tudo ainda lhe parecia ser o certo.

Havia nascido alguns anos antes dele, havia se

PERIGOSAS ACHERON

apaixonado pelo irmão dele e duvidava que seu pai abençoasse uma união com o mais irresponsável dos Gallagher. Muitos eram os motivos para se convencer que não eram apropriados um para o outro, mas continuava a lhe parecer que havia encontrado o homem certo.

Olhou por cima do ombro dele e notou que Beckie havia pegado no sono e não havia mal algum em beijá-lo para tentar esquecer um pouco dos problemas. Atrevidamente encostou os lábios nos dele e ofereceu-se sem vergonha, desfrutando daquele contato que tanto a fazia feliz.

Luke não era tolo de refutar aquele pequeno atrevimento de sua ruiva e puxou-a contra sua barriga, forçando que ela o envolvesse com as pernas. Deslizou as mãos por baixo das várias camadas de tecido que tentavam escondê-la e o tesão correu forte por suas veias. Mas havia uma criança e ele não pretendia chocá-la com atos obscenos. Ergueu-se então com Celine nos braços e procurou Beckie com os olhos. Ela dormia junto à poltrona de dois lugares que havia sido preparada para servir de cama improvisada.

— Deixe-me cobri-la! — Celine pediu entre gemidos que revelavam o seu desejo, tão explícito que as bochechas haviam adquirido uma intensa coloração de vermelho. Os pelos arrepiaram-se logo que ele a tocou entre as coxas.

Ela o queria grudado ao seu corpo.

Luke se negou a soltá-la, depositando-a na cama, tratando de cobrir a pequena que parecia um anjo dormindo agarrada ao travesseiro. Retornou para junto de seu amor, abandonando as roupas no chão durante o trajeto, fazendo com que o coração de Celine batesse acelerado no peito. Aquele homem era uma visão que a deixava sem fôlego e totalmente à mercê de sua vontade.

— Eu sei que não devíamos. — Olhou-a com devassidão. — Mas já falam de nós dois e irão falar pelas nossas costas, já que os ameacei de deixá-los na miséria se os boatos chegassem aos meus ouvidos. — Sorriu de canto quando alcançou uma das pernas para lhe tirar a meia de seda. — E se continuarão a falar ao menos que falem a verdade. — Mordeu-lhe a panturrilha e depois passou para a outra perna, repetindo cada ato que incendiava o

PERIGOSAS ACHERON

corpo de Celine.

— Não teria coragem de deixá-los sem emprego? — Revirou os olhos quando foi mordida na outra panturrilha, sentindo-se já úmida e pronta para recebê-lo.

— Por você, eu teria coragem. É importante para mim. E quando alguém se torna importante para um Gallagher, somos capazes até de matar só para proteger quem amamos. — Ele havia tido que a amava da forma mais estranha e tão diferente das palavras que ela havia esperado ouvir quando se declarasse, mas foi intenso e tão sincero que lágrimas se formaram em seus lindos olhos verdes.

— Como tem certeza disso, se nenhum de vocês um dia ousou amar de verdade? — Arriscou uma pergunta mais afrontosa, provocando um sorriso maroto como resposta.

— Está certa quando diz que nenhum de nós chegou amar de verdade. — Forçou que ela afastasse as pernas para lhe dar passagem e começou a abrir a parte de cima do vestido dela. — Mas agora eu amo de verdade e só sei que quero te ver sorrir.

— Luke! – Não conseguiu terminar a frase.

— Eu amo você, ruivinha! E temo que não conseguirei mais me separar de você. – E ele disse as palavras que ela tanto queria ouvir, deixando-a maravilhada, sem saber o que fazer a não ser puxá-lo contra seus lábios e beijá-lo até que o ar lhes faltasse.

— Eu também te amo! Sei que não é apropriado, que é mais novo do que eu e que talvez isso chegue a ser um problema para alguns, mas eu te amo. – Falou tudo de uma vez e ele sorriu extasiado pela beleza que dizia amá-lo mesmo que todos pudessem considerá-los um casal errado.

— Deixou-me preocupado quando demorou tanto para devolver as palavras que ansiava ouvir.

— Oh... – Ela soltou uma gargalhada, arrependendo-se porque não queria acordar Beckie.
— Não pretendia feri-lo em seus brios masculinos.
– Disse mais baixo.

— Eu a amo e quero... – Celine não estava preparada para as próximas palavras e o impediu de dizê-las com um beijo, descaradamente distraindo-

o com o seu corpo, seduzindo-o para que ele a amasse. Não desejava estragar o momento, a felicidade que havia compartilhado com ele com coisas mundanas que sabia que se colocariam entre eles.

Luke já não sabia mais o que ia dizer quando a viu nua diante de si, linda e tão quente que seu sexo já excitado exigiu se afundar dentro dela. As mãos não davam conta de acariciá-la e a boca brigava para ocupar seu lugar.

Estavam tão sintonizados que o mundo poderia parar de girar que nada os tiraria daquele transe delirante, onde promessas eram sussurradas, gemidos contidos com beijos e corpos prontos para se fundirem numa ligação tão intensa que perpassava as barreiras do tempo.

Os dedos dele brincavam com o sexo inchado de Celine, uma carícia que a deixava amolecida, a fazia implorar por mais e dessa vez ela sabia o que queria e exigia com um brilho nos olhos que o fez atendê-la sem perda de tempo.

— Abra-se para mim, meu amor! — Pediu junto

PERIGOSAS NACIONAIS

ao ouvido dela. — Deixe-me tomá-la e te dar prazer, te fazer gritar por mais. Ouvir meu nome em seus lábios é mais do que mereço na vida. Tocá-la assim... — Encaixou a ponta do sexo no dela. — É um presente que me faz o homem mais sortudo do mundo.

— Luke, quero ser sua! — Ela soltou encantada com suas palavras de adoração, sentindo-se a mulher mais bela que ele havia colocado os olhos. Não lhe importava que os outros não a achassem formosa, apenas lhe importava Luke considerá-la atrativa.

— Eu vou entrar mais, Celine, e quando estiver lá fundo, você ainda vai querer mais e vou te dar tudo e mais um pouco. — Aquela promessa pecaminosa agiu como pólvora no corpo já atizado dela. Luke sabia provocar, tocar e dar prazer a uma mulher. Desde a primeira vez havia sido intenso e cheio de vida, uma troca impressionante de prazer e devoção.

Havia sido uma união de almas que se tocavam por meio de corpos escaldados pelo desejo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Celine fechou os olhos e deixou-se levar pelo poder de suas palavras, pelo embalo dos corpos que se chocavam em uma troca de sensações que os faziam famintos por mais. Quanto mais ele a tocava, mais ela queria ser dele. Quanto mais ela se entregava, mais ele prometia amá-la.

E o êxtase não demorou para lhes arrebatá-los. Luke derramou-se dentro dela, totalmente absorvido pela plenitude que o envolvia por tê-la feito dele mais uma vez.

Eles estavam nus e suados, ainda enrolados um no outro, tão relaxados e saciados que a natureza os exaltava através do canto das cigarras que se despediam dos dias mais quentes e do brilho das estrelas em uma noite esplendorosa.

Não podia estar mais perfeito.

Mas Luke sabia que poderiam ter consequências e que um filho já pudesse estar sendo gerado, porque não havia sido precavido e nem capaz de se retirar de dentro dela antes de liberar sua semente. Não se sentia envergonhado por isso, ao contrário, havia sido um ato falho

PERIGOSAS ACHERON

apenas para uni-lo definitivamente a ela.

E aquela certeza de querer estar com ela e ser dela para sempre abrandou todos os tormentos que o acompanhavam desde que havia deixado Nova Iorque quase um ano antes.



A vida era mesmo uma caixinha de surpresas, onde caminhos se separavam para se cruzarem depois, e tudo com um propósito maior: preparar duas almas afins para um reencontro sublime e justamente no momento certo.

Nem antes, nem depois. Simplesmente no momento certo para que seus corações pudessem se reconhecer.

Era assim que Celine se sentia em relação a Luke. Um amor improvável. Duas almas predestinadas que precisaram de um empurrão das mãos do destino para se encontrarem.

Não era para ter acontecido em Nova Iorque e sim em Golden Valley, onde a vida movia-se lentamente, sem a pressa dos grandes centros, sem os distúrbios das vontades dos poderosos, sem o

rigor das conveniências sociais.

E por mais que algumas crianças haviam deixado a escola e de algumas mães lhe virarem as costas por força da influência de Miranda, Celine sabia que em Nova Iorque tudo teria sido pior. Ali em Golden Valley era dona de seu destino, tomava suas decisões e podia muito bem seguir com a cabeça erguida, orgulhosa da mulher que havia se tornado.

Mas sabia que aquela vida de conto de fadas que levava ao lado de Luke não seria para sempre.

Precisava resolver sua situação, dar um lar decente para Beckie, que já a via como uma mãe com a concordância dos Murray, que não criaram empecilhos para a adoção. Ao contrário, era uma boca a menos para alimentar e uma preocupação a menos para lidar.

Celine sentia vontade de conversar com Luke sobre o relacionamento dos dois, mas temia não ser o momento certo. O Gallagher estava afoito com a descoberta da jazida de prata e dedicava-se exaustivamente para prosperar. Era a maneira que

PERIGOSAS NACIONAIS

havia encontrado para demonstrar ao pai que era capaz. Ela o compreendia por querer o mesmo para si, provar ao pai que podia ser uma professora no outro lado do país.

E assim os dias corriam com Celine tentando não dar importância para os comentários maldosos de alguns que se deixaram envenenar por uma mulher que não tinha o direito de julgá-la quando mantinha seus casos, com Luke trabalhando para ter seu negócio e enriquecer antes do término do prazo dado pelo pai.

Mas eram as noites de paixão que fazia tudo valer a pena, cada comentário mesquinho ser esquecido e cada esforço ter valido a pena. Esqueciam dos problemas um nos braços do outro, trocando carícias e palavras que lhes traziam alento para enfrentar os maiores tormentos.

Não formavam um casal de acordo com as exigências sociais, mas o amor os havia unido como um. Eram uma família de verdade quando Beckie se juntava a eles e os fazia rir de suas pequenas travessuras ou quando reclamava da falta de sal na comida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Celine! — Luke entrou no escritório que cada dia mais se aparentava a uma casa em razão da presença feminina e procurou por aquela que fazia seu coração bater forte.

— Aqui! — Ela respondeu e ele foi ao seu encontro. Estava deitada por ter se sentido indisposta a maior parte do dia, o que a fez encerrar a aula antes do horário habitual naquele dia. — Como foi seu dia, Luke? — Ele se sentou ao seu lado na cama e a beijou com carinho.

— O que aconteceu para encontrá-la na cama tão cedo? — Perguntou preocupado com sua apatia, especialmente porque pretendia viajar para Denver no dia seguinte, com o intuito de negociar a prata que já havia sido extraída.

— Senti-me tonta e fraca. Tenho ensaiado muito com as crianças para a peça de teatro, além das aulas e de Beckie que precisa de atenção... Bem são tantas preocupações que descuidei da alimentação. — Sorriu.

— Eu exijo muito de você às noites. — Comentou e ela apertou sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— As noites em seus braços é a minha parte favorita.

— A minha também, ruivinha! Há algo que me preocupa e que talvez justifique esse mal-estar momentâneo e você também deve desconfiar. — Tocou no assunto porque precisava saber se ela estava grávida.

— Ainda não tenho certeza, Luke! Acho que é muito cedo.

— Parto para Denver amanhã e quando voltar, falaremos sobre isso. Promete, meu amor? — Ela concordou e foi para o colo dele.

— Sentirei falta de você.

— Não mais do que eu, não mais. — Apertou-a contra o peito, tentando se convencer que ela ficaria bem sem ele. A levaria junto se a viagem não fosse perigosa e a desconfiança da gravidez o deixava alarmado demais para fazê-la se locomover em estradas perigosas. — Eu vou voltar, Celine, e vamos conversar sobre como ficaremos. Não quero que fique preocupada, mas precisamos definir o que somos ou queremos ser um para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

Celine soltou um suspiro, dando-se conta que a temida hora havia chegado. Sempre quis ter dele uma definição ao mesmo tempo que se sentia confusa por saber que ele talvez quisesse levá-la de volta para Nova Iorque, para uma vida que ela não queria mais levar.

— Conversaremos sim! — Disse aninhada ao peito dele.

— Nem pense em escapar de mim, ruivinha! — Apertou seu nariz. — Sei que não se sente à vontade com o assunto e tenho respeitado seu tempo, mas se existir um bebê aqui dentro, tudo muda. — Desceu com uma das mãos até o ventre dela e apesar de se sentir protegida, um nó se formou em sua garganta, porque só havia uma coisa que Celine queria ouvir, que ele a amava e aceitaria viver com ela e com o bebê que sabia estar carregando ali em Golden Valley.



Já fazia uma semana que Luke havia partido com mais dois mineiros para Denver e o coração de Celine estava apertado de saudade. Ele havia se tornado importante em sua vida e para tudo ser perfeito, apenas precisava desistir da ideia de voltar para Nova Iorque.

Mesmo que algumas pessoas a rejeitassem por estar vivendo amasiada com um homem mais novo, Celine preferia a vida simples de Golden Valley do que viver entre pessoas que se preocupavam mais com a aparência e a condição social do que com as pessoas. Era feliz ali com aquela gente simples, que enxergava beleza nas coisas mais corriqueiras, que se reunia ao final do dia para comemorar os acontecimentos mais banais e que estendia a mão para ajudar àqueles que precisavam. E ela tinha Beckie. Sabia que a menina não seria aceita em

Nova Iorque, que não a deixariam ser sua mãe.

Mas também sabia que era importante para Luke ir até o pai para contar que havia feito a mina prosperar e assim provar que era merecedor do direito de assumir os negócios da família. E por isso se sentia dividida entre seus próprios sonhos e os dele.

Havia aproveitado os dias longe dele para refletir sobre o que queria para sua vida e mesmo que estivesse grávida de um filho dele, Celine não queria voltar para sua antiga vida. Como ela iria contar para Luke sobre sua decisão, ela não sabia.

— Boa tarde, Senhorita Celine? — O xerife se aproximou dela quando passava o trinco na porta da escola. Havia sido um longo dia de estudos e as crianças haviam lhe esgotado as energias.

— Boa tarde, xerife!

— Posso acompanhá-la até sua casa?

— Claro. — Celine não desejava companhia, mas não quis ser grosseira e como Beckie estava junto dela, não havia motivos para interpretarem equivocadamente aquela companhia.

Andaram em silêncio lado a lado por alguns minutos enquanto Beckie corria na frente perseguindo borboletas.

— Tenho algo a lhe dizer... — Gordon se atrapalhou com as palavras. — Bem, todos em Golden Valley comentam que a senhorita está à espera de um bebê. — Ela gelou por dentro com aquele comentário, surpreendendo-se com o quanto as pessoas a notavam. Foi tola, já que desde que passou a dividir a casa com Luke, todos sempre se preocupavam com seus passos, principalmente Miranda que apenas esperava a oportunidade certa para expulsá-la do vilarejo. — Coloco-me à disposição para assumir o bebê e casar-me com a senhorita. — Aquilo havia sido demais para Celine, que parou de caminhar abruptamente diante do espanto que a tomou.

— Eu agradeço, mas meu filho tem um pai. — Respondeu sem graça.

— Que não assumirá a criança. — Ele retrucou, deixando-a irritada por julgar Luke sem conhecê-lo.

— Não o conhece para saber que ele nos

abandonará. — Apontou o dedo na direção do xerife, tão alterada que seu coração ameaçava sair pela boca.

— Sei quem é Luke Gallagher, assim como sei da fama que ele e os irmãos conquistaram em Nova Iorque.

— Ele não é o que falavam.

— A senhorita está apaixonada e só consegue se iludir.

— O senhor me respeite! — Encarou-o, erguendo a cabeça. — Não lhe dei intimidade para se meter em minha vida. Pode ter vindo atrás de mim a mando do meu pai, mas eu não lhe dou o direito de se intrometer na minha vida. — Deu-lhe as costas.

— Não é bem assim, Celine! — Gordon apressou o passo para alcançá-la, mas ela não estava disposta a ouvi-lo. — Seu pai me prometeu sua mão se a levasse de volta.

— O quê? — Aquilo havia sido demais para a ruiva, que acabou interrompendo o passo mais uma vez. — Não irei me casar com o senhor e não

PERIGOSAS ACHERON

admito ser negociada dessa maneira tão sórdida.

— Pois terá que dizer isso ao seu pai. — Soltou e o desespero dela estava completo. Não bastava Luke estar fora, ainda tinha que lidar com um noivo que ela nem sabia existir e um pai que poderia chegar a qualquer momento.

— Não tinha esse direito, não tinha! — Falou alto, revelando uma irritação incomum. — Eu sabia que iria relatar tudo que aconteceu ao meu pai, mas não imaginava que era capaz de chegar tão baixo para ascender na vida. O que ele lhe ofereceu? Um cargo como chefe no departamento de polícia de Nova Iorque? Pois perdeu seu precioso tempo em se enfiar no fim do mundo, porque não vou me casar com o senhor e não pretendo voltar para casa. — Ele tentou falar, mas ela não o deixou. — Passar bem, xerife Gordon!

— Celine, por favor...

— Passar bem! Ah... E para o senhor, sou Senhorita Celine.

Alcançou Beckie e apressou o passo para se ver livre definitivamente do xerife, tomada de uma

raiva que nunca imaginou ser capaz de sentir. Jamais se casaria com ele, nem que Luke se recusasse a assumir o filho que esperava. Podia viver muito bem sem nenhum deles. Havia se formado professora não somente porque amava lecionar, mas porque queria ter uma profissão que pudesse lhe dar uma renda e assim ter uma velhice tranquila, sem depender da generosidade de ninguém. Havia se conformado em ser uma solteirona e como já se aproximava da idade das balzaquianas, não esperava mais se casar.

Nada havia mudado desde então. Talvez ela tivesse que trabalhar mais ou quem sabe trocar de cidade se Luke insistisse em querer levá-la para Nova Iorque, considerando que havia mais duas bocas para alimentar, Beckie e o bebê.

Mas se casar por desespero com um homem que ela sequer conhecia estava totalmente fora de cogitação, independentemente de Luke querê-la ou não.

— Quando papai vai voltar? — Beckie a surpreendeu ao chamá-lo por pai quando estavam entrando no escritório que havia se convertido na PERIGOSAS ACHERON

casa das duas nas últimas semanas e aquilo a alarmou. Mas a compreendia, pois Luke havia se infiltrado em seu coração como um pai e o convívio que tinham a fez entender que eram uma família de verdade.

— Querida! — Celine se agachou para ficar na sua altura. — Luke não é seu pai embora lhe ame como filha. — Julgou melhor ser verdadeira, pois não sabia qual era o destino das duas. Estavam ali, vivendo com Luke naquele edifício que pouco lembrava uma casa, mas que era o único lar que havia conhecido em seus poucos anos de vida. Perdera a mãe no parto e o pai com apenas dois anos quando caiu do cavalo. Desde então tem vivido da caridade de famílias que a acolheram por piedade, mas nunca por tempo suficiente para criar laços.

— Não importa! — Deu de ombros e correu em busca de uma das bonecas que Celine havia costurado.

A ruiva sorriu ao perceber o quanto a vida era mais simples quando interpretada pelos olhos de uma criança e seu coração foi tomado por uma

PERIGOSAS ACHERON

vontade de dar para aquela menina linda um lar de verdade, onde ela pudesse ter seu próprio quarto repleto de bonecas. Deslizou a mão pelo ventre, imaginando uma casa com varanda e os filhos correndo com o pai no jardim.

E como sonhar ainda não custava nada, deixou-se embalar por aquela imagem enquanto acendia o fogo para preparar a janta das duas. Continuava sendo uma péssima cozinheira, mas Betsy havia sido generosa em lhe dar um dos pães que havia recém-assado. Foi então que Celine se deu conta que todos a mimavam por já saberem de sua gravidez. Não eram muitos, já que Miranda ainda tentava jogá-los contra ela.

— Mamãe, mamãe! — Beckie entrou gritando. — Tem um homem lá fora que quer falar com você. — Apontou para a porta e Celine sentiu um medo estranho ao fixar um par de olhos escuros que a encarava com maldade.

— O que o senhor quer aqui? — Perguntou com a voz falhada.

— É Celine Thompson, a professora? — Ela

PERIGOSAS NACIONAIS

concordou e o homem que lhe aparentava ser um fora de lei gritou para outro que haviam encontrado a mulher certa.

— O que quer comigo? – Perguntou. — Não há muita coisa de valor, mas podem levar.

— Queremos a senhorita, pois nos disseram que é filha de um homem muito rico, capaz de pagar uma fortuna para tê-la de volta. – O desespero lhe varreu o corpo e sentiu-se frágil diante daquele brutamontes que devia ter a mesma altura de Luke, arrependendo-se de ter dispensado a companhia do xerife. Celine estava furiosa com seu atrevimento, mas era melhor enfrentar um homem da lei intrometido do que um bandido.

Beckie agarrou-se à cintura de Celine com os olhinhos úmidos de medo e a professora tentou acalmá-la.

— Traga logo a mulher, Kid Búfalo. – O homem que estava fora chamou pelo comparsa e soou familiar aquele nome à Celine. Ela forçou a mente e soube que se tratava do bandoleiro que diziam ser amante de Miranda.

PERIGOSAS ACHERON

Jesus, ela estava muito encrencada. Havia sido ingênua em imaginar que a viúva apenas queria expulsá-la de Golden Valley. Ela havia feito pior, havia mandado o amante bandido lhe matar.

— Se obedecer, boneca, não vamos machucá-la, nem a pequena ruivinha. — Olhou para Beckie e Celine estremeceu ainda mais. — Mas se nos der trabalho, vamos começar pela pequena, entendeu? — Segurou firme no queixo de Celine, que apavorada obedeceu e o seguiu para fora, onde foi colocada em cima de um cavalo.

— Não tenha medo, Beckie! — Disse à menina que chorava por terem sido separadas. — Feche os olhinhos e imagine que iremos dar um passeio.

— Quero meu pai! — Beckie gritou e Celine agradeceu que os dois bandidos não fizeram caso.

Para onde iam e o que lhes aconteceria, só Deus sabia.



Luke havia se demorado mais em Denver do que planejava, mas trazia consigo boas notícias e presentes para suas princesas, um anel de noivado para Celine e uma boneca de porcelana para Beckie. Ela ainda não o chamava de pai, mas acreditava que era uma questão de tempo para fazê-lo e quando isso acontecesse, se sentiria o homem mais feliz do mundo.

Apesar do atraso em seu retorno, as negociações haviam lhe deixado muito satisfeito e com dinheiro suficiente para pagar os empregos, melhorar as condições de trabalho e ainda sobraria dinheiro para uma viagem até Nova Iorque, onde pretendia apresentar Celine ao pai como esposa.

Estava tão ansioso em revê-la que a viagem havia se tornado mais longa do que realmente era e quando chegou em Golden Valley sequer teve

PERIGOSAS ACHERON

tempo de cumprimentar os amigos que o aguardavam ansiosos pelas notícias. Só queria revê-la e tomou a direção da escola, onde sabia que poderia encontrá-la naquela hora da tarde.

Mas encontrou a escola com as portas fechadas, o que o fez sentir calafrios. Algo havia acontecido e quando sua amiga Betsy se aproximou com semblante preocupado, a terra pareceu lhe sumir diante dos pés.

— Onde está Celine? — Perguntou à mulher.

— Ela e a pequena Beckie estão desaparecida há dois dias. Eu estranhei que ela não veio dar aula ontem e fui até o escritório da mina à sua procura, não as encontrei lá e nenhum mineiro as viu. Hoje também não apareceram. — Solto um suspiro, cruzando os braços para evitar chorar. — Ninguém a viu, ninguém sabe o que lhes aconteceu e estamos alarmados porque a professora está grávida.

— Grávida? Eu sabia que estava grávida. — Luke começou a andar de um lado para o outro muito nervoso. — O que fizeram? Ninguém tentou encontrá-la? — Estava furioso com todos, pois havia

PERIGOSAS NACIONAIS

deixado instruções para que seus homens as vigiassem, a ela e a pequena.

— O xerife Gordon está no rastro de um bando que Dolores jura ter visto por essas bandas. Ela diz que era Kid Búfalo, o tal do pistoleiro que dizem ser amante de Miranda. — Aquilo o pegou de surpresa e a raiva quase o fez sair correndo para exigir uma satisfação da maldita viúva. Se ela tivesse um dedo metido no sumiço de Celine, Luke era capaz de matá-la. — Há mais uma coisa.

— Mais? — Soltou indignado.

— Ontem chegou um forasteiro muito bem vestido dizendo ser pai de Celine.

— Maldição! — Esbravejou Luke, sabendo que o senador não deixaria a filha se casar com ele.

— Qual o nome do homem? — Precisava confirmar se tratar do pai dela.

— Garret Thompson, disseram que é um senador. E o xerife confirmou se tratar do pai da professora.

— É sim o pai de Celine. — Disse mais irritado

PERIGOSAS ACHERON

com aquela intromissão desnecessária, mas entendendo que um pai ficaria preocupado com a filha perdida no oeste.

Luke tomou a direção do Billy Bob's, onde Dolores disse estar hospedado o futuro sogro. Havia chegado a hora de confrontá-lo e dizer que amava sua filha e que com ela queria se casar. Naquelas alturas, já devia estar a par que Celine esperava um filho dele e era melhor assim.

Encontrou-o sentado em uma das mesas do amplo e rústico salão, bebericando uma xícara de chá, com seus óculos na ponta do nariz, destoando completamente do lugar. Tudo em Golden Valley lembrava a poeira, era rústico e sem elegância, não combinando com a figura pomposa e ativa de um senador de Nova Iorque.

— Senador Thompson! — Exigiu sua atenção e ele se voltou a Luke com o nariz empinado como um bom esnobe sempre fazia. Os Gallagher eram podres de ricos, mas nunca realmente foram aceitos em razão de sua origem humilde. A sociedade nova-iorquina os engolia porque não tinham outra opção.

— Luke Gallagher, o caçula dos libertinos! — Olhou de cima a baixo, avaliando suas roupas com desdém. — Então, é verdade que Burke os mandou para o velho oeste. Não me surpreendi com sua decisão, mas não esperava que acabasse cruzando com o caminho de Celine, desgraçando sua vida. Concordei com a ideia sem cabimento de ser professora no Colorado. Herdou não só os cabelos ruivos de minha mãe, mas sua teimosia e rebeldia. E deixei que se embrenhasse entre selvagens para aprender uma lição e não para se meter com um de vocês.

— Eu amo a sua filha, teremos um filho e pretendo me casar com ela. — Bateu na mesa com o punho. — Nunca quis desgraçá-la e se o fiz, corrigirei meu erro. Darei meu nome a ela e ao meu filho.

— Fazendo o mesmo que seu irmão mais velho. — Debochou, levando a mão ao queixo. — Minha sobrinha foi abandonada e fugiu para ir ao encontro de Brennan Gallagher. Não bastasse essa vergonha, encontro minha filha grávida do pior deles, justo o mais irresponsável. Celine não se

casará com você e não importa que esteja esperando um filho seu. Está comprometida com o xerife Gordon e com ele se casará ou a deserdo.

— O quê? — Escorooou-se na mesa com as mãos de modo que conseguisse encarar o maldito homem que tentava separá-lo da mulher que amava. — Não vou aceitar que outro assuma o filho que é meu. E quem deve decidir com que se casar é Celine e não o senhor.

— Jamais minha filha se casará com você. — Bateu na mesa.

— Veremos, senador! — Respondeu, dando-lhe as costas.

Luke não pretendia gastar o tempo batendo boca com o pai de Celine quando devia estar procurando-as. Aliás, aquele comportamento relaxado dele o havia deixado furioso. Celine e Beckie estavam desaparecidas e Garret Thompson estava mais preocupado em tomar chá e ler um jornal de duas semanas atrás.

Correu os olhos pelo saloon e avistou Miranda atrás do balcão de madeira, dedicada à tarefa de

arrumar as várias garrafas de bebidas. Estava tão furioso que pulou o balcão, assustando-a.

— O que quer, Luke? — Ela evitou encará-lo.

— Onde está Celine, Miranda? — Reduziu a distância que os separavam, tentando se controlar para não esganá-la. — Nem pense em responder que não sabe ou mesmo me fazer querer acreditar que ela me deixou por outro que sei que ela jamais me deixaria. Não é falsa como você.

— Eu não sei do que fala! — Soltou com a voz trêmula, agarrando-se ao balcão de madeira às suas costas.

— Claro que sabe! — Foi sarcástico. — Falaram que recebeu a visita do famoso Kid Búfalo e por uma coincidência, Celine e Beckie sumiram no mesmo dia. Não acredito em coincidências. E sei que você a queria longe de Golden Valley por se sentir despeitada. Fale a verdade, Miranda! — Aproximou-se mais para intimidá-la. Odiaria ter que bater em uma mulher, mas Celine era mais importante e sua vida corria perigo.

— Kid esteve aqui, mas não sei para onde as

levou. Eu apenas lhe contei que Celine era filha de um senador importante e muito rico de Nova Iorque.

— Como ficou sabendo que Celine é rica, Miranda? — Pegou-a pelo queixo para que ela o encarasse, não permitindo que mentisse para ele.

— Foi o xerife Gordon. — Soltou amedrontada.

— Deve ter seduzido o palerma e o levado para sua cama só para conseguir essa informação. É uma mulher sem caráter, Miranda, e ainda teve a petulância de espalhar boatos sobre Celine. Mas não sou como esses tolos que se deixam levar por você, nem pela promessa de sexo fácil. Vai me revelar para onde Kid Búfalo as levou ou juro que terei que abrir uma exceção ao código de honra dos Gallagher de não bater em mulheres nem com uma rosa. Eu juro que acabo com você, Miranda, se não me falar para onde teu amante levou Celine e Beckie. — Apertou com mais força o queixo dela, deixando-a apavorada e com os olhos úmidos.

— Estão acampados perto da estrada que leva às terras dos arapahos, esperando o senador chegar

para negociar o resgate. — Ela fungou e ele a soltou.

— Quando voltar, não a quero mais aqui. Pegue suas coisas e deixe Golden Valley. Se a encontrar ainda aqui quando retornar com Celine e Beckie, juro que a tirarei daqui aos pontapés. — Deu-lhe as costas.

— Não pode fazer isso! Não é ninguém aqui! — Ela gritou e ele voltou a fitá-la com raiva.

— Sou o dono da maior mina da região, o que significa que sou dono sim de Golden Valley, que aliás vai passar a se chamar Silver Valley para fazer jus à prata que encontrei nessas terras.

— Não pode falar sério! — Exclamou estupefata com aquela revelação. — A mina está falida.

— Não está mais! Sou um homem rico, Miranda, e posso acabar com sua vida em um piscar de olhos, esmagar você como uma formiga. — E dessa vez Luke lhe deu as costas para ir salvar o seu amor.

Aquela promessa feita à viúva seria cumprida por uma questão de honra e esperava que ela tivesse o compreendido bem. Mas ela não o

PERIGOSAS ACHERON

compreenderia e uma ideia arriscada lhe passou pela cabeça.

— Miranda, você vai comigo e vai servir de moeda de troca. — Disse determinado. — Separe algumas roupas, porque você vai embora com seu amante.

— Não posso largar o saloon. É o meu único patrimônio. — Queixou-se desgostosa.

— Compro o Billy Bob's! Agora, se apresse. — Ordenou e Miranda subiu as escadas que davam acesso ao segundo piso.

Garret Thompson se aproximou de Luke como um felino disposto a dar o bote em sua presa.

— É tolo se acredita que conseguirá trocar minha filha, uma dama criada como uma princesa, por uma qualquer. — Empinou o nariz e sua empáfia em tratar os outros como se estivessem abaixo dele fez Luke compreender o motivo que levou Celine a deixá-los para tentar a sorte como professora no outro lado do país. — Deixe que o xerife Gordon cuide do assunto.

— Só há um tolo aqui e é o senhor ao acreditar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que um xerife de araque acostumado a atuar em Nova Iorque seja capaz de lidar com pistoleiros do oeste! – Respondeu para em seguida gritar para que Miranda se apressasse.

PERIGOSAS ACHERON



Celine ainda não podia acreditar no azar de ter sido feita refém. Sabia que queriam negociar o resgate com seu pai, mas não havia notado nem um movimento que a levasse a crer que seria libertada. Só ainda não estava desesperada porque haviam permitido que Beckie ficasse com ela, o que acalmou a menina.

Naquela altura, alguém em Golden Valley já teria sentido sua falta. As crianças poderiam contar aos pais e logo alguém viria ao seu socorro, apenas precisava não entrar em desespero, não irritá-los.

Eram mantidas praticamente o tempo todo dentro de uma barraca que lembrava um pouco as dos arapahos e mal conseguiam saber se era dia ou noite. Celine contava histórias para entreter Beckie e deixá-la menos angustiada, o que era uma tarefa difícil já que a coragem ameaçava deixá-la à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

medida que o tempo passava.

Estavam entretidas com mais uma história quando a professora notou uma agitação incomum no acampamento e vozes que pareciam discutir. Assustou-se com o som de disparos de pistola e apesar do medo lhe gelar a espinha naquele momento em que acreditava ter chegado seu fim, puxou Beckie para seu colo e lhe tapou os ouvidos.

— Venha para fora, boneca! — Era a voz de Kid Búfalo chamando-a. — E traga a menina com você. — Era óbvio que Celine não iria aceitar que a separassem da filha, nem que precisasse enfrentá-los. — Vai para casa, lindinha! — Acariciou-lhe o rosto, o que lhe provocou náuseas.

Amarraram-lhes os pulsos e as fizeram caminhar sem lhes dizer o destino. Não existiam muitas árvores naquela região e a poeira seca se erguia aos seus pés, tornando tudo ainda mais dramático.

Seu coração saltou no peito quando avistou Luke com Miranda ao seu lado. Ele havia vindo resgatá-la e apenas conseguia amá-lo ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

— Celine! — Ele gritou quando a avistou, não se importando que Miranda já houvesse se juntado ao amante antes do combinado. — Vocês estão bem? — Ele as abraçou forte quando as alcançou, empurrando-as para trás do próprio corpo como uma maneira de protegê-las. — Aqui está! — Jogou uma maleta de couro aos pés de Miranda. — O dinheiro que lhe devo e que me torna dono do saloon.

— Luke? — Celine o fitou perplexa.

— Depois eu explico tudo. — Respondeu ainda enfrentando Miranda e o amante. — Nessa maleta há dinheiro suficiente para mantê-los afastados de Golden Valley. Voltem por essas bandas e os receberei com balas. — O bandido soltou uma gargalhada, sacando a pistola da cintura.

— Ninguém ameaça Kid Búfalo e fica vivo para contar. — Apontou a arma contra Luke que acabou sendo mais rápido ao sacar a pistola da cintura, acertando uma bala no ombro do fora da lei. Ele sabia que havia tido mais sorte do que habilidade, porque jamais havia sido um bom atirador. Lutava muito bem boxe ao passo que a

PERIGOSAS ACHERON

caça o deixava entediado. Mas aquela sorte o faria ser conhecido e temido na região e o alívio lhe tomou quando viu Miranda praticamente arrastar o amante em direção ao acampamento dos bandidos.

— Luke, por Deus, você matou um homem por minha causa. — Celine se jogou nos braços do seu amor.

— Não será um tiro de raspão que acabará com aquele cretino. — Beijou-a na boca, ávido pela calidez de seus lábios. — Você está bem? E Beckie e o bebê? — Com um braço, puxou a menina para o meio dos dois, tratando de desamarrá-las.

— Já sabe do bebê então? — Corou pela vergonha que a tomou.

— Sempre soube, ruivinha. — Admitiu.

— E me deixou acreditar que não sabia. — Levantou a cabeça, o que a fazia ficar com o nariz arrebitado, deixando-o extasiado com sua beleza. Era linda e se em algum momento acreditou que não iria se apaixonar, havia se iludido inutilmente.

Ajudou-as a subir no cavalo para em seguida se juntar a elas, fazendo-as se sentirem seguras e

PERIGOSAS ACHERON

aliviadas. Trotearam de volta para a vila, onde outros problemas os esperavam. Tentou prepará-la para o que iria encontrar. Garret Thompson a queria casada com o xerife Gordon e a ideia apenas deixava Luke irritado.

E quando o silêncio de Celine se colocou entre os dois, o medo passou a comandar as batidas do coração dele.

— Celine! — Puxou-a para um canto antes de deixá-la ir ao encontro do pai. — Preciso saber se me ama.

— Eu amo você, Luke! E o que meu pai falará ou exigirá não será capaz de abrandar o que sinto por você. — Acariciou seu rosto. — É meu amor e sempre será. Mas temos que estar conscientes que escolhas terão que ser feitas. — Pegou-o pela mão e juntos entraram no saloon que agora pertencia a Luke, com os corações acelerados por terem que enfrentar a verdade de uma vez por todas.

Ao entrarem no Billy Bob's encontraram o pai de Celine em um canto conversando com Gordon e a irritação de Luke se tornou tão forte que bastava o

homem ousar falar que acabaria lhe partindo a cara com um gancho de direita. Não bastava ter vivido suas piores horas com a mulher que amava nas mãos de bandidos, ainda teria que enfrentar o pai de Celine e um metido que a queria por esposa.

— Celine! — O senador correu para junto da filha e para espanto de Luke a abraçou com o carinho de um pai preocupado. — Por Deus, minha filha, quer matar seu pai do coração?!

— Desculpe-me, não queria lhe trazer preocupações. — Celine afastou-se do pai e retornou para junto de Luke que a envolveu com seus braços quando a notou com lágrimas nos olhos. — Eu só queria ter alunos e sentir o gosto de dar aulas.

— Para isso não precisava ter se enfiado no fim do mundo. — Thompson a repreendeu e o Gallagher precisou se conter para não lhe dizer umas boas verdades.

— Não podia ser professora em Nova Iorque, onde todos me julgariam por isso e falariam pelas suas costas. — Encarou-o com os olhos mais verdes do que costumavam estar. — Uma filha de Garret

Thompson jamais poderia humilhar a família ao querer ser professora, por isso vim para o Colorado, onde ninguém sente vergonha do que eu sou de verdade, onde não preciso esconder o meu sonho de ensinar. Sou feliz aqui, papai!

— Não sabe o que fala, está encantada por esse daí. — Apontou para Luke.

— Ele tem nome, papai! Luke é o pai do filho que espero e o senhor precisa aceitar isso. — Voltou-se para o amante com lágrimas nos olhos. — Não faça caso das palavras do meu pai. Ele está furioso comigo e não com você.

— Celine, eu quero me casar com você. — Ela foi tomada de uma surpresa tão forte que acabou lhe faltando as palavras para respondê-lo. — Não me importa o que o senador pensa de mim ou da minha família, mas o que você pensa e quer. Você quer casar comigo, Celine Thompson? — Acariciou o rosto dela e a aflição tomou conta da alma da professora que não sabia o que pensar daquela situação tão confusa. — Ruivinha, está me deixando preocupado. Já vivemos tantas coisas juntos e eu não sei mais o que é uma vida sem

PERIGOSAS ACHERON

você. — Luke a abandonou e foi em busca de uma cadeira, sentindo-se derrotado.

Thompson tentou dizer algo, mas Celine o interrompeu e foi para perto de Luke, ajoelhando-se diante dele.

— Eu amo você, Luke! — Disse entre lágrimas.

— Mas não tanto quanto amou meu irmão, é isso? — Todas as dúvidas que Luke havia vivido desde criança ao ser comparado aos irmãos mais velhos o deixaram apático naquele momento em que havia aberto seu coração e confessado seu amor à mulher que talvez nunca havia sido destinada a ele.

— Não seja tolo! É você que eu amo e estou segura disso. — Respondeu chateada com aquele comentário impertinente. — Não posso aceitar seu pedido, mas faço isso por você. — Apertou a mão dele, entrelaçando os dedos com os dele. — Não quero retornar a Nova Iorque e casando-me contigo, terei que segui-lo. Mas não quero que renuncie ao sonho de assumir a cervejaria, porque você provou que é merecedor dela, e penso que

pode ter ganhado a aposta. Não quero que se sinta dividido entre mim e a cervejaria. Por isso prefiro liberá-lo.

— Até que enfim tomou uma decisão sensata, minha filha. — Thompson os interrompeu e Luke queria apenas que ele sumisse da frente dele. Só não havia lhe dado um pontapé porque se tratava do pai de Celine. — Se casará com Gordon e viverão no Colorado por alguns anos, assim poderá realizar o maldito sonho de ser professora, e ele terá tempo de fazer carreira por aqui para ser merecedor de uma promoção daqui três ou quatro anos.

— Papai! — Celine se levantou furiosa com aquela intromissão desnecessária. — Não me casarei com o teu capacho.

— Isso não são modos para uma dama falar com o pai. — O velho reclamou.

— Estamos no Colorado, papai, e aqui as coisas funcionam de outro jeito. — Sorriu ao lembrar das palavras ditas por Luke quando ela havia acabado de chegar. — Não me casarei com ninguém.

— Está grávida!

— Estou sim! Aconteceu e não tenho como voltar atrás para impedir e nem quero, porque vivi os melhores dias da minha vida aqui com Luke e Beckie. — Solto um suspiro. — Estou esgotada e não quero mais falar com nenhum dos dois. — Gordon ameaçou se aproximar e ela o encarou. — Nem com você, xerife! É o último com quem quero falar, que fique claro!

Chamou Beckie e pegou a menina pela mão, olhando em direção da porta. Não fazia ideia para onde iria, porque não tinha uma casa para chamar de sua, mas talvez Betsy a acolhesse por algumas horas até conseguir colocar as ideias no lugar e não se sentir tão desesperada.

Andava mais emotiva e só por isso não queria ter que falar mais na frente dos três homens que a pressionavam a tomar uma decisão, a fazer o que ela não queria. Principalmente de Luke, cuja decepção estampada no rosto a fazia se sentir a pior mulher do mundo e tudo porque ela simplesmente se recusava a voltar para sua antiga vida, onde todos a olhariam com pena por ser diferente das outras garotas, por querer ser mais do que uma

PERIGOSAS NACIONAIS

mulher casada.

PERIGOSAS ACHERON



Luke não estava acreditando no que se passava diante dos seus olhos. Confuso e um tanto atordoado com o estranho diálogo que havia tido com Celine, a viu se impor perante o pai e dispensar os avanços do xerife com tanta segurança que o fizeram se envergonhar de sua falta de ação quando ela merecia que a apoiasse.

Estava chocado e desiludido. Era claro que também estava cansado da sequência de eventos e imprevistos com que teve que lidar nas últimas horas.

Mas amava Celine com toda a força do seu querer.

E quando a viu saindo de mãos dadas com Beckie, com os ombros caídos e os olhos repletos de lágrimas, algo dentro dele explodiu, fazendo-o

PERIGOSAS NACIONAIS

acordar para a vida, impulsionando-o a lutar pelos dois.

Celine havia dito que o amava e que nada seria capaz de sufocar o amor que ele havia despertado nela. Luke acreditava nisso e entendeu que nem ele queria voltar para Nova Iorque.

Tudo ficou claro como a luz do sol ao amanhecer para o Gallagher mais novo. Não conheceu Celine antes mesmo ela estando praticamente embaixo do seu nariz, frequentando os mesmos círculos sociais, porque era para ter sido em Golden Valley. E o amor dos dois desabrochou ali em meio à rudeza do Colorado, entre pessoas de hábitos bucólicos, sem a sofisticação de uma sociedade que mal conseguia perceber as verdadeiras belezas da vida.

Foi em Golden Valley que tiveram os dias mais incríveis na companhia um do outro, onde tocaram o céu dos amantes todas as noites, onde descobriram o verdadeiro significado da entrega e onde conheceram o amor em sua forma mais perfeita.

PERIGOSAS ACHERON

E era ali que eles seriam felizes para sempre.

Luke se levantou e com um soco na mesa chamou a atenção dos outros dois homens que ainda estavam estáticos diante da reação de Celine ao não querer se curvar às ordens do pai.

— Aceite que sua filha me ama e quer casar comigo e não com ele! — Apontou para o xerife. — Celine não se casará com ninguém a não ser comigo e isso ela deixou muito claro. — Sorriu porque acabou lhe sendo uma constatação que o fez feliz. — Nos amamos, ela carrega meu filho e já temos uma filha. Se o senhor ainda não se deu conta, a pequena ruiva que saiu de mãos dadas com ela, é nossa também.

— Um absurdo! — O senador retrucou indignado. — Aquela menina não pode ser minha neta.

— Nós a criamos como nossa filha e assim que nos casarmos, a adotaremos para que possa ter meu sobrenome e não lhe importará em nada ter um avô que não a quer, porque eu e Celine a amaremos tanto que não sentirá falta dos outros parentes.

— E pretendem viver aqui? — Olhou à sua volta, imaginando que a filha moraria em um saloon, mas disposto a negociar ao saber que Celine era teimosa e rebelde a ponto de aceitar ser deserdada apenas para não retornar para casa.

— Não aqui, mas numa casa confortável que pretendo construir.

— Com que dinheiro, já que correm boatos que Burke os expulsou de casa com a roupa do corpo e apenas dez dólares?!

— Nem tudo o que falam é verdade, senador! Meu pai nos deu um desafio e não nos expulsou como acredita. Nos deu dez dólares e nos mandou para o oeste onde as oportunidades são maiores para começar do zero, para que pudéssemos fazer o dinheiro multiplicar. Aquele que conseguisse vencer o desafio, ganharia o direito de administrar a cervejaria.

— E? — O homem arqueou uma sobrancelha, interessando-se por aquele assunto.

— Eu consegui não só multiplicar os dez dólares como fiquei rico ao descobrir uma jazida de

PERIGOSAS NACIONAIS

prata na minha mina aqui em Golden Valley. Posso oferecer para sua filha uma vida confortável aqui, onde Celine poderá ser a professora que sempre sonhou.

Luke sabia que havia plantado a dúvida na cabeça do senador, que era um homem conhecido pelos discursos inteligentes e persuasivos. Não era um homem da força e sabia que não o convenceria se não usasse a lábia, e os Gallagher também podiam ser persuasivos quando queriam.

— E quanto a mim, senador? — Gordon os interrompeu para a frustração de Luke. — Vim até o Colorado em busca de Celine pois me prometeu sua mão e um cargo à minha altura em Nova Iorque.

— Não há mais trato, Gordon! E não por minha culpa, pois teve tempo suficiente para conquistá-la, mas foi um lerdo e Gallagher a roubou de ti. — Falou sem rodeios, dispensando-o sem sequer lhe prometer uma recompensa. Luke poderia ter sentido pena do homem, mas acabou sorrindo por se sentir vingado.

PERIGOSAS ACHERON

— Dou minha permissão para que se case com minha filha, mas tenho algumas exigências. — O sorriso abandonou o rosto de Luke ao ouvir o sogro. — Exijo que se case com ela amanhã mesmo e que sua prata seja vendida à Casa da Moeda. Posso conseguir um contrato rentável para você e assim posso ficar tranquilo ao ter certeza que minha filha estará amparada. Não pense que será meu genro preferido, mas amo aquela teimosa com todo meu coração embora não consiga compreendê-la a maior parte do tempo. — Soltou um suspiro, dando-se por vencido para a alegria do Gallagher. — Só quero vê-la feliz.

— Prometo fazê-la feliz, senador! — Estendeu a mão para um aperto.

Assim que Luke terminou de cumprimentar o sogro para selar o acordo, saiu em disparada em busca de Celine para contar as novidades.

Como desconfiava, a encontrou na casa de Betsy, que quando o viu tratou de deixá-los a sós para que pudessem conversar. E eles precisavam conversar sem ninguém para importuná-los. Beckie devia estar brincando com os amigos e era melhor

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim, pensou esperançoso.

Celine estava sentada em uma cadeira de balanço, olhando através de uma janela o sol se pondo no horizonte, ainda remoendo os últimos acontecimentos e sentindo-se esgotada.

— O que faz aqui, Luke? — Perguntou ao notar sua presença.

— Preciso falar com você. — Tirou o chapéu e o deixou em cima da mesa com tampo gasto pelo uso constante que avistou. — Não fui muito claro quando a pedi em casamento.

— Não? — A voz lhe saiu embargada.

— Não! — Ajoelhou-se diante dela, com o coração saltitando e a emoção comandando todos os seus sentidos. — Por isso vou pedir de novo e de um jeito diferente. — Trouxe a mão delicada dela até os lábios e ali depositou um beijo afetuoso, não foi um beijo malicioso como costumavam trocar durante as madrugadas, mas que também era capaz de revelar o quanto a amava. — Celine Thompson, aceita viver comigo aqui em Golden Valley como minha esposa e mãe dos meus filhos?

PERIGOSAS ACHERON

— Aqui? — Ela queria confirmar aquela parte da proposta para ter certeza de que a havia entendido corretamente. — Não em Nova Iorque?

— Sim aqui! Também não quero voltar e não me importa a cervejaria, que sei que um dos meus irmãos poderá tocá-la muito bem. Eu escolho você e sempre vou escolher, meu amor! Mas também escolho o que eu conquistei aqui. Lá sempre serei o filho mais novo de Burke Gallagher, já aqui apenas sou Luke Gallagher. E quando você me deu as costas lá no saloon, me fez enxergar a verdade. Tudo que conquistei aqui é o que eu sempre quis para minha vida.

— Tem certeza, Luke? Está seguro que você quer ficar aqui comigo? — As lágrimas lhe tomavam a face, mas não eram de tristeza ou em razão da confusão que havia sentido horas antes, mas se deviam à alegria de saber que poderia viver junto ao homem de sua vida no lugar que o coração havia escolhido como lar.

— Estou muito certo da minha escolha, ruivinha! A mulher que amo é linda, charmosa e tão perseverante que me fez compreender que

PERIGOSAS ACHERON

minha felicidade estava mais próxima do que imaginava. Acho que tirei a sorte grande! – Abriu o sorriso debochado que tanto a fascinava.

— Oh, Luke, é claro que eu aceito ser sua esposa! – Abraçou-o, grudando-se na boca dele, ávida por aquele carinho que só ele era capaz de proporcionar.

— Mas teremos que nos casar amanhã! – Disse sem rodeios e Celine acabou arregalando os olhos.

— Amanhã? Enlouqueceu, Luke? Onde conseguirei um vestido de noiva para me casar amanhã? – Reclamou como toda mulher sem tempo de preparar uma cerimônia de casamento.

— Sei que trouxe modelos mais sofisticados com você e pode usar um deles. Não importa sua roupa, sejamos honestos, mas que temos que nos casar porque foi uma exigência do senador.

— Papai concordou? Como conseguiu? – Sorriu e o mundo de Luke voltou a ter luz.

— Creio que minha prata o convenceu, ruivinha. Além do fato de que coloquei um bebê aqui dentro e que ele teme um escândalo. –

Deslizou as mãos até o ventre ainda plano de Celine.

— Isso não foi justo da parte dele. — Reclamou, revirando os olhos.

— O que importa é que ele me deu a mão da filha em casamento. O resto são meros detalhes que cuidaremos depois. Aceita se casar comigo amanhã?

— Quer saber? — Celine se deixou contagiar pela empolgação de Luke e soltou uma gargalhada que o aqueceu por inteiro, provocando-lhe ideias que deveriam ser reservadas para quando já estivessem casados. — Me caso com você hoje mesmo.

Luke se levantou e estendeu a mão como um convite, disposto a ir em busca do reverendo para que os cassasse imediatamente, oficializando o que já vinha acontecendo há semanas. Celine aceitou e juntos iriam ao encontro de Beckie porque eram uma família e ela deveria estar presente no momento que os pais trocassem seus votos.

— Jamais imaginaria que um dia poderia me

PERIGOSAS NACIONAIS

casar por amor. — Ela lhe confidenciou antes de deixarem a casa de Betsy.

— Nem eu até uma ruiva de nariz arrebitado cruzar meu caminho como um trem desgovernado, não me permitindo sequer lutar contra o sentimento que despertou dentro de mim. — Puxou-a e a envolveu pela cintura, grudando sua testa na dela. — Mas tão perfeita para mim que meu coração se recusa a bater longe dela. Eu amo você, a minha mais perfeita escolha.

E beijaram-se tendo o pôr-do-sol como testemunha.

Fim.

PERIGOSAS ACHERON



Quase dois anos depois.

Celine olhava para o marido em busca de conforto, pois seria apresentada ao sogro e temia que Burke Gallagher a repudiasse.

— Ele pode não gostar de sua escolha, Luke! Sou mais velha do que você e meu pai costumava ser indelicado com ele. — Desabafou.

— Temos apenas três anos de diferença, meu amor. Isso não é nada e duvido que meu pai não esteja feliz ao ter como nora uma Thompson. — Beijou a cabeça do filho que soltou um resmungo.

Marc Burke Gallagher havia nascido com a saúde e a vitaliciedade dos Gallagher numa madrugada fria, exigindo muito esforço da mãe e testando o coração do pai depois de horas de trabalho de parto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mesmo assim o prendi no Colorado quando deveria ter voltado ao menos para cumprir com a palavra empenhada.

— Ele gostará de você. — Beijou-a e saiu em encontro do pai que o aguardava em seu gabinete.

Luke olhava para as paredes da mansão que um dia havia sido sua casa com nada mais do que carinho, porque ali já não era mais o seu lar. Quando cruzou a porta e avistou o pai sentado atrás de sua imponente mesa, o achou mais envelhecido e jurou ter visto alguns fios de cabelo branco que não existiam quando o deixou mais de dois anos antes.

— Seja bem-vindo, Luke! — Levantou-se e contornando a mesa, foi para perto do filho para abraçá-lo. — Estava apenas aguardando você para decidir como tudo ficará na empresa. Estou velho e cansado.

— Meu sogro não lhe entregou meu recado? — Perguntou cismado com a postura do pai que parecia não ter dado por encerrado o desafio entre os irmãos. — De que não quero a cervejaria?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Thompson tem me mantido informado sobre tudo, meu filho. E fico feliz que tenha se tornado um mineiro bem-sucedido. Todos em Nova Iorque falam sobre a excelente prata que fornece à Casa da Moeda. Mas a verdade é que nenhum dos teus irmãos mais velhos quis a cervejaria e aqui estou sozinho.

— Cada um colhe o que planta. — Deu de ombros e o mais velho dos Gallagher sorriu pela satisfação de constatar que seu caçula havia crescido e se tornado um homem de bem. — Não quero a cervejaria, pai! Não quero viver em Nova Iorque quando tenho a melhor vida no Colorado ao lado da mulher que amo e dos meus filhos.

— Imaginava que esta fosse a resposta que teria para me dar e fico feliz de ver que escolheu o caminho certo. — Bateu nas costas do filho. — E onde está a minha nora? Meus netos?

— Deixei-os na sala. — Disse ansioso em apresentá-los ao pai.

E assim os dois homens foram ao encontro de Celine e das crianças conversando animadamente.

PERIGOSAS ACHERON

Quando os avistou se aproximando, a ruiva se levantou com o pequeno Marc nos braços, sentindo-se nervosa por finalmente ser apresentada ao sogro, um homem cuja fama lendária o fazia ser respeitado e temido.

— Senhor Gallagher! — Cumprimentou-o com classe. — É um prazer revê-lo.

— O prazer é meu, minha filha! Continua tão linda quanto me recordo. Não, eu minto! O ar puro do Colorado a deixou mais bonita. — Celine corou e Burke se aproximou da nora para acariciar a cabecinha com penugem negra do neto, que soltou um gritinho de satisfação. — Ele se parece com os Gallagher e se expressa como um. — Acabou rindo daquele pequenino que o fitava com curiosidade, lembrando o filho quando era bebê.

— Pai, este é Marc Burke Gallagher e esta ruivinha linda é nossa filha Rebecca Gallagher, a nossa Beckie. — A pequena olhou para o avô e abriu um sorriso tão meigo que fez o velho se agachar para poder vê-la melhor.

— É tão linda quanto a mãe! — Beckie se

aproximou e o beijou no rosto, deixando-o tão emocionado que foi impossível não umedecer os olhos, talvez por ter se lembrado de sua filha falecida tão jovem. — Tem uma família linda, Luke! — Olhou para o filho e não viu mais aquele garotinho que vinha em busca de socorro quando precisava se livrar de um castigo da mãe ou o adolescente irresponsável que saía com os irmãos para apostar em corridas de cavalos, lhes deixando com os cabelos em pé. Não, Burke só conseguia ver um homem feito, que havia se tornado um empresário de sucesso e pai de uma família que o orgulhava muito. — Eu sabia que não iria me decepcionar, meu filho. — Levantou-se e foi para perto de Luke, abraçando-o com amor.

Sua missão havia sido cumprida.

NOTA DA AUTORA

Três autoras de romance de época, com suas marcas próprias e uma vontade imensa de contar histórias. É assim que defino o projeto “Damas do Romance” e o nosso sonho de contar histórias que se entrelaçam por um determinado motivo.

À medida que as ideias iam surgindo e o projeto ia ganhando fôlego, os desafios começaram a surgir, me obrigando a sair da zona de conforto e a conhecer cenários que eu ainda não tinha explorado: o velho oeste do século XIX.

E assim nasceu “Irmãos Gallagher”.

Embora eu tenha entrado no projeto tardiamente em relação as outras duas autoras, a conexão com o personagem a mim confiado foi imediata e contar a história de Luke se tornou praticamente uma obsessão, cujos rabiscos

rapidamente tornaram-se diálogos e sequências de cenas que me faziam suspirar.

Por ser também a caçula de três irmãos, talvez tenha conseguido captar a essência de Luke e assim representar seus anseios e medos no papel com perspicácia, deixando-o mais humano e verossímil, na exata medida do que ele merecia.

Mas isso só se tornou possível com a chegada de Celine e sua visão única do mundo. Uma mulher que queria mais da vida do que frequentar bailes e a alta sociedade nova-iorquina, que queria ser professora e ensinar crianças, tornando-se o grande amor de Luke, aquela que o fez enxergar seus verdadeiros objetivos na vida. Foi através dos olhos de Celine que consegui entender a alma de Luke e desvendá-lo na sua verdadeira essência.

A narrativa em forma de novela, seguindo um ritmo mais dinâmico e focado na evolução da relação do casal, apenas deixou tudo mais gostoso e o resultado é uma história leve e romântica.

Também não posso deixar de mencionar o privilégio que foi trabalhar com duas das mais

talentosas romancistas de época da atualidade, cujas mentes brilhantes e simpatia me conquistaram. Trabalhar ao lado de Flávia Padula e Silvana Barbosa foi a oportunidade que precisava para conhecê-las melhor e a troca de experiências que mantivemos durante a escrita dos livros foi imprescindível para o resultado emocionante de cada uma das histórias a que nos propomos contar.

Com muito orgulho e tomada de um sentimento de missão cumprida, os “Irmãos Gallagher” ganharam vida e tiveram suas histórias contadas ao mundo através de nossas palavras.

Luke encontrou seu lugar no mundo ao fazer a escolha perfeita.

E você, caro leitor, foi nosso convidado especial.

Com carinho,
Diane Bergher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a você, querido leitor, que tem sido o principal motivo para me manter no caminho de contadora de histórias. Sem você nada disso seria possível.

Agradeço à minha generosa família que acreditou em meus sonhos e com seu apoio incondicional me deu forças e esperanças para acreditar que os sonhos valem a pena.

Agradeço ao meu esposo, companheiro de duas décadas, e com quem eu divido planos e ideias de enredos que só parecem se multiplicar em minha mente.

Agradeço ao meu filho Augusto pelos dias em que não estive ao seu lado a fim de concluir mais uma história e pelo orgulho que sente de sua mãe ao me apresentar como escritora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agradeço às queridas Laizy Shaine e Julia Lollo, profissionais habilidosas e dedicadas, trazendo primor às minhas histórias. Assim como agradeço ao carinho de Roberta Santos por compartilhar a construção de mais esse enredo.

Agradeço às talentosas Flávia Padula e Silvana Barbosa, minhas parceiras de projeto e estimadas amigas, por me ouvirem e me confortarem em momentos de dúvidas e inseguranças, pela generosidade em compartilhar comigo suas experiências e acima de tudo pela amizade que me ofereceram.

E, por fim, agradeço a Deus pela graça de ter a chance de espalhar amor em forma de palavras, tocando corações mundo a fora.

PERIGOSAS ACHERON



Leia também os outros livros da Série Irmãos Gallagher:



Disponíveis na Amazon!



Sinopse

PERIGOSAS NACIONAIS

Burke Gallagher é um irlandês que partiu rumo aos Estados Unidos com apenas dez dólares no bolso e se tornou o dono da maior cervejaria do país, a Cervejaria Gallagher, ficando conhecido no mundo todo pelo excelente produto e por sua perspicácia nos negócios.

Preocupado com o futuro de seus três filhos, decide dar um basta nas suas vidas boas e lhes dá uma ordem: cada um teria que partir para o Oeste com apenas dez dólares no bolso e quem conseguisse ser mais bem-sucedido, no prazo de um ano, ficaria com a fábrica de cerveja. Os irmãos então partem dispostos a vencer o desafio e viverem suas próprias aventuras.

PERIGOSAS ACHERON

PRÓXIMO LANÇAMENTO



Sinopse

Ao ficar viúvo, John Winter decide se livrar das filhas e as vende em Londres para cavalheiros que não se importam em comprar uma esposa. Solteiras e em idade para casar, as três senhoritas veem seus caminhos mudados para sempre. Sarah é vendida a um fazendeiro americano. Delilah é comprada por um mercador indiano. E Barbarah parte ao encontro do dono de uma misteriosa propriedade na PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cornualha.

PERIGOSAS ACHERON



[Sinopse](#)

[Apresentação](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Outras obras](#)

[Próximos lançamentos](#)

